

PARNASO BRASILEIRO
de
Januário da Cunha Barbosa

Memória Literária - 1



Memória Literária - 1

PREFÁCIOS E ÍNDICES

Organização, Edição, Notas e Apresentação

por

José Américo Miranda

PARNASO BRASILEIRO,

ou

**Coleção das Melhores Poesias
dos Poetas do Brasil, tanto Inéditas,
como já Impressas**

**Januário da Cunha Barbosa
(1829-1832)**

PREFÁCIOS E ÍNDICES

**Organização, Edição, Notas e Apresentação
por
José Américo Miranda**

**Faculdade de Letras da UFMG
Belo Horizonte
1999**

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras

Diretora: Profa. Eliana Amarante de Mendonça Mendes
Vice-Diretora: Profa. Veronika Benn-Ibler

CONSELHO ADMINISTRATIVO DO CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES:
Prof. Paulo Fernando da Motta de Oliveira (Diretor), Profa. Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (Vice-Diretora), Prof. Sérgio Alves Peixoto, Profa. Rosângela Borges Lima, Profa. Silvana Maria Pessôa de Oliveira, Profa. Maria Cecília Bruzzi Boechat, Profa. Gláucia Renate Gonçalves, Profa. Graciela I. Ravetti de Gomez, Prof. Samuel Moreira da Silva.

GRUPO DE PESQUISA DO CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES:
Prof. Paulo Fernando da Motta de Oliveira, Prof. Sérgio Alves Peixoto, Prof. Murilo Marcondes de Moura, Profa. Silvana Maria Pessôa de Oliveira, Profa. Maria Cecília Bruzzi Boechat, Prof. Edgard Pereira dos Reis, Prof. José Américo de Miranda Barros.

Os índices do *Parnaso Brasileiro* de Januário da Cunha Barbosa, assim como a edição e anotação de seus prefácios, foram preparados com base em cópia microfilmada dessa obra que nos foi cedida pela Fundação Biblioteca Nacional. A partir da mesma cópia reproduzimos a capa do primeiro caderno do *Parnaso*. Registramos aqui os nossos agradecimentos à Biblioteca Nacional.

Revisão: José Américo Miranda
Maiza Aparecida Franco Gonçalves

Projeto gráfico e
editoração eletrônica: Marco Antônio e Alda Durães

Faculdade de Letras
Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha
31270-901 - Belo Horizonte - MG

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
PREFÁCIOS	31
ÍNDICES	39
ÍNDICE GERAL DA OBRA	45
ÍNDICE DE AUTORES	67
ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

APRESENTAÇÃO

O PARNASO BRASILEIRO,

de Januário da Cunha Barbosa

José Américo Miranda

O NOSSO PRIMEIRO PARNASO

O *Parnaso brasileiro* (1829-1832), de Januário da Cunha Barbosa, foi o primeiro esforço realizado, no âmbito da cultura brasileira, para pôr à disposição do público, em letra de fôrma, a produção poética nacional do passado. A diferença entre este *Parnaso* e os que o sucederam – nem sempre com o mesmo título, pois houve o *Mosaico poético*, de Emílio Adet e Joaquim Norberto de Sousa Silva, e o *Florilégio da poesia brasileira*, de Francisco Adolfo de Varnhagen – ficou assinalada em sua própria estrutura.

O primeiro sinal da diferença encontra-se no subtítulo da obra, “coleção das melhores poesias dos melhores poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas”. Nesse aspecto particular, sobressai a diferença desse com o segundo *Parnaso*, de João Manuel Pereira da Silva, cujo primeiro tomo apareceu em 1843, trazendo o seguinte subtítulo: “Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil”. A diferença entre “coleção” e “seleção” nos parece de fundamental importância. A obra de Januário da Cunha Barbosa, em seu pioneirismo, já perfeitamente afinada com as aspirações românticas, é sinal vivo de um tempo em que a urgência da tarefa era de tal ordem que o autor e responsável pela antologia sequer se pôde dar tempo para “coleccionar” e depois “seleccionar”. O risco de tudo perder-se parecia iminente, de modo

que se justificava plenamente a publicação de uma “coleção”. O *Parnaso* foi dado à luz aos poucos, em pequenos cadernos de cerca de 64 páginas, entre 1829 e 1832.

A publicação em cadernos, mais tarde reunidos nos dois volumes que conhecemos, pode ser explicada pelas circunstâncias. O Cônego Januário da Cunha Barbosa havia sido deputado na legislatura que se encerrou em 1829. Não alcançando a reeleição, foi dirigir o *Diário Fluminense* e a Tipografia Nacional.¹ A ocupação do cargo não pode ter deixado de influir no ânimo de homem tão “culto e adiantado”, para utilizarmos uma expressão de seu biógrafo. Ele não deixou passar a oportunidade de fazer, segundo suas próprias palavras, um serviço que julgava de utilidade pública. A respeito do que fazia, escreveu ele:

Pela minha parte, no desempenho da árdua tarefa, que tomei a peito, fazendo indubitavelmente um serviço relevante à glória literária do meu ninho paterno, contentar-me-ei dele em recompensa com haver concorrido para acordar o louvor dos beneméritos passados, e para estimular a sua imitação, assim a presente, como as gerações futuras.²

Na última página do oitavo caderno do *Parnaso* (1832), o Cônego anunciava, numa “Advertência”, a intenção de continuá-lo. Entretanto, nesse mesmo ano, Januário da Cunha Barbosa deixou o cargo que ocupava na Imprensa Nacional.³ Posteriormente, em outubro de 1934, uma lei suprimiu o cargo de diretor da Tipografia Nacional. Entre outras razões, deve tudo isso ter desempenhado um papel importante no não cumprimento da promessa de continuidade da coletânea. Falta de interesse por ela não deve ter sido a causa da interrupção, porque já em 1843, quando João Manuel Pereira da Silva publicou o primeiro volume de seu *Parnaso Brasileiro*, afirmou ele, sob o disfarce de “Os Editores”, que àquela altura já era difícil obter um exemplar do “antigo *Parnaso Brasileiro*”.⁴

¹ Cf. BARBOSA, A. C., 1903, p.226.

² BARBOSA, J. C., 1830, c.2, s.p.

³ Cf. PASSOS, A., 1952, p.26.

⁴ Cf. SILVA, J. M. P., 1843, v.1, p.V.

Pereira da Silva comenta, no texto de abertura de sua coletânea de poesias brasileiras, intitulado “A Quem Ler”, para justificar a publicação de uma nova antologia, que o *Parnaso* de Januário da Cunha Barbosa, além de ser uma raridade bibliográfica, “não foi completo, e os oito cadernos, que se publicaram, mereceriam grande reforma.”⁵ Ele se referia, sem dúvida, ao já mencionado caráter de “coleção”, feita sob a pressão do momento e nas circunstâncias do cargo ocupado, assim como ao fato de ela ter ficado inacabada. O segundo *Parnaso*, de Pereira da Silva, é muito mais bem organizado, sob o ponto de vista do planejamento editorial, do que o de Januário da Cunha Barbosa: ele vem precedido de “uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira”, escrita pelo organizador, e a seqüência de apresentação dos poetas é cronologicamente organizada. O *Parnaso* de Pereira da Silva, enfim, como lhe indica o subtítulo, é uma “seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil”.

Outros dados ainda falam a favor desse modo de ler o título da antologia de Januário da Cunha Barbosa. São eles: o padrão de organização da obra; o fato de o critério da distribuição dos autores ao longo dela ser praticamente aleatório e o fato de os textos introdutórios serem por demais resumidos, beirando a precariedade. Esses textos introdutórios têm nessa mesma precariedade alguma importância, pois nos sinalizam hoje as condições da vida literária naquele tempo. O Cônego, para desempenhar-se da tarefa que se propôs, fez apelos dramáticos a “todas as pessoas, que possuem poesias e notícias dos nossos bons poetas, até hoje sepultados em arquivos particulares”, e, por fim, expressou seu desejo (apenas muito precariamente realizado, e, ainda assim, somente no que diz respeito a uns poucos autores) de juntar à coleção “uma notícia biográfica de tantos poetas, que honram o nome brasileiro com produções distintas.”⁶

É difícil atinar com outras razões, além da assinalada urgência com que a tarefa foi, naquele momento, exigida não só pelas circunstâncias da vida nacional, mas também pelas circunstâncias da vida particular do Cônego, para justificar o modo pelo qual a

⁵ SILVA, J. M. P., 1843, v.1, p.V.

⁶ BARBOSA, J. C., 1829, c.1, p.3.

antologia foi organizada. No primeiro caderno, único datado de 1829, foram reunidas algumas obras de nove poetas. São eles: Antônio Pereira de Sousa Caldas, Bartolomeu Antônio Cordovil, José Basílio da Gama, Domingos Vidal Barbosa Laje, José Elói Otoni, Inácio José de Alvarenga Peixoto, João Pereira da Silva, Manuel Inácio da Silva Alvarenga e um autor anônimo.

Além de Basílio da Gama, autor já àquele tempo consagrado, com pelo menos um poema, *O Uruguai*, celebrado pela fama, ressaltam, desse primeiro pequeno conjunto de poetas, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e Sousa Caldas. Alvarenga Peixoto, condenado pelo crime de inconfidência, poucas obras deixou, em sua maior parte inéditas. Silva Alvarenga e Sousa Caldas, por outro lado, não só deixaram obras publicadas, mas foram figuras decisivas na história de nossas letras, o primeiro como poeta árcade e o segundo como figura de transição do Arcadismo para o Romantismo. Não se justifica o desinteresse a que anda relegada, nos dias que correm, a obra de Sousa Caldas.

A primeira tentativa de reunir, num só volume, a obra dispersa de Alvarenga Peixoto só ocorreria mais tarde, na segunda metade do século,⁷ pelos esforços de Joaquim Norberto de Sousa Silva, talvez o mais laborioso pesquisador da área de letras na história de nossa cultura. Quanto aos outros poetas, de alguns ficou na história o nome, como é o caso de José Elói Otoni e Domingos Vidal Barbosa Laje; de outros, nem isso. Quem hoje, ainda que seja especialista em literatura brasileira, seria capaz de, sem pestanejar, discorrer sobre Bartolomeu Antônio Cordovil ou João Pereira da Silva? E quem seria capaz de propor uma identidade hipotética verossímil para o autor anônimo?

Dos nove poetas reunidos no primeiro caderno, um é anônimo, três são poetas hoje considerados canônicos – Alvarenga Peixoto, Basílio da Gama e Silva Alvarenga – e cinco são poetas que, embora não sejam desinteressantes nem desprovidos de importância, não receberam da posteridade a dedicação e o estudo que merecem. Os três poetas mais importantes dessa primeira parte, todos eles, comparecem também em outros cadernos desse *Parnaso*.

⁷ *Obras poéticas* de I. J. de Alvarenga Peixoto, por J. Norberto de Sousa Silva. Rio de Janeiro: Garnier, 1865.

TRÊS CASOS EXEMPLARES: ALVARENGA PEIXOTO, BASÍLIO DA GAMA E SILVA ALVARENGA

É curioso e significativo que a coletânea comece pelo poeta árcade que menos produziu e que em vida teve apenas três poemas publicados. Parece ser sinal seguro da intenção e da finalidade do *Parnaso* o fato de ser este, justamente Alvarenga Peixoto, o poeta com maior número de composições (doze poemas) no pequeno primeiro caderno. Se considerarmos que a obra poética completa de Alvarenga Peixoto, compilada inicialmente por Joaquim Norberto de Sousa Silva (*Obras poéticas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1865), mais tarde revista e assentada em bases mais definitivas por Rodrigues Lapa (*Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960), não ultrapassa o número bastante limitado de 33 peças, os doze poemas presentes no primeiro caderno do *Parnaso* representam uma parcela considerável do conjunto (cerca de um terço). E o fato se torna ainda mais significativo se considerarmos que, dos doze poemas, onze estavam sendo publicados pela primeira vez.

Nos demais cadernos do *Parnaso* encontram-se publicados outros sete ou oito poemas de Alvarenga Peixoto. Um deles, “Retrato”, cujo primeiro verso é “A minha Anarda” (c.2 - 34), não foi incluído por Rodrigues Lapa na obra reunida do poeta. Esse poema foi motivo de alguma confusão porque Alvarenga Peixoto é autor de um “Retrato”, mas de Marília e não de Anarda, que não aparece no *Parnaso*. O “Retrato” de Marília apareceu pela primeira vez na *Miscelânea curiosa e proveitosa* (Lisboa, 1785. t.VII. p.328-332) e foi um dos poucos poemas publicados em vida do autor. Apesar disso, na *Miscelânea*, não aparecia o nome do poeta. Nos versos de sua primeira estrofe, diz ele:

Marília bela,
vou retratar-te,
se a tanto a arte
puder chegar.
Trazei-me, Amores,
quanto vos peço:
tudo careço
para a pintar.

No caderno 4º há um poema que não foi incluído por Rodrigues Lapa na obra completa do poeta: trata-se, nos termos em que vem exposto no *Parnaso*, de “Conselhos de Alvarenga Peixoto a seus filhos”, cujo primeiro verso é “Meninos, eu vou ditar” (c.4 - 74). Esse poema, excelente pelo que nele palpita de astúcia, traduz inteligência no uso da linguagem, é produto de um espírito vivo e tem sido tradicionalmente atribuído a Bárbara Eliodora, mulher do poeta, com o título de “Conselho a meus filhos”. Ele é composto de doze sextilhas em versos redondilhos maiores e começa assim:

Meninos, eu vou ditar
As regras do bem viver;
Não basta somente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sábios é o pensar.

Neste tormentoso mar
D'ondas de contradições,
Ninguém soletre feições,
Que sempre se há de enganar;
Das caras a corações
Há muitas léguas que andar.

O poema, se levamos em conta a desdita de sua autora, nos conforta pela mistura que contém de humor e verdade. A vida da autora, por um lado, nos faz lembrar o que há de trágico nos versos de Cecília Meireles (“Perde-se quanto se adora, / Dona Bárbara Eliodora.”⁸); o poema, por outro, nos recorda o que há de cômico nos do “Lundu do escritor difícil”, em que Mário de Andrade intromete uma filosofia risonha na seriedade do que diz (“Eu sou um escritor difícil, / Porém culpa de quem é!... / Todo difícil é fácil, / Abasta a gente saber. / [...] / O difícil é aprender!”⁹). O mesmo espírito vivo da poesia de Mário de Andrade parece traduzir-se na medida exata dos setessílabos em que os “conselhos” são transmi-

⁸ Cf. MEIRELES, 1979, p.172.

⁹ ANDRADE, 1993, p.307.

tidos aos filhos, particularmente naqueles versos que dizem: “Ninguém soletre feições, / Que sempre se há de enganar, / Das caras a corações / Há muitas léguas que andar.”

Francisco Adolfo de Varnhagen, no *Florilégio da poesia brasileira* (1850-1853), sem expor suas razões, dizia duvidar que o poema “Conselhos a seus filhos” fosse de Alvarenga Peixoto.¹⁰ Ele estendia sua dúvida ao poema intitulado “Sonho”, cujo primeiro verso é “Oh que sonho! oh que sonho eu tive nesta” (c.1 - 5). Vale lembrar: esse é o poema que abre o *Parnaso* de Januário da Cunha Barbosa. Ele teve destino diverso do outro; no que lhe diz respeito, a dúvida de Varnhagen não se confirmou. Rodrigues Lapa o manteve na obra do poeta: ele se encontra no Manuscrito I (designação de Lapa), do século XVIII, pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.¹¹

Outros poemas, quatro sonetos, de Alvarenga Peixoto, dois deles dedicados à Rainha D. Maria I, aparecem no caderno 4^o. Eram todos inéditos até então. Eles vêm no *Parnaso* (c.4 - 58 e c.4 - 59) atribuídos erroneamente a Silva Alvarenga. O erro foi detectado pelo próprio Januário da Cunha Barbosa, que corrigiu a informação na “Errata” que vem ao fim do volume, no 4.^o caderno, o mesmo que contém os poemas. Um desses sonetos, cujo primeiro verso é “A Paz, a doce Mãe das alegrias” (c.4 - 59), dirigido à Rainha D. Maria I, foi incorporado à argumentação do advogado de defesa dos réus de inconfidência, José de Oliveira Fagundes, nos “Embargos que apresentou ao Acórdão da Comissão de Alçada”, em 2 de novembro de 1791. Ele transcreveu o soneto ao fim da alegação que apresentou em defesa do réu.¹²

Um outro poema de Alvarenga Peixoto consta do processo não como peça da defesa, mas da acusação. Trata-se da ode incompleta ao Visconde de Barbacena, apreendida entre os papéis do poeta pelo Desembargador Pedro José de Araújo Saldanha e pelo Escrivão José Caetano César Manitti. Segundo o “Auto de exame e separação

¹⁰ VARNHAGEN, 1946, v.2, p.28.

¹¹ Cf. LAPA, 1960, p.LXX e p.44.

¹² Cf. *Autos de devassa da Inconfidência Mineira*, 1982, v.7, p.154.

feita nos papéis apreendidos...”, o poema foi apreendido, juntamente com um bilhete dirigido a Alvarenga pelo Padre Carlos Correia de Toledo, “por induzir o seu conteúdo alguma suspeita relativa à presente diligência nas atuais circunstâncias; etc.”¹³ Segundo Rodrigues Lapa, esse é o único autógrafo literário de Alvarenga.¹⁴ O fragmento de ode não consta do *Parnaso* e foi publicado pela primeira vez por Joaquim Norberto em sua edição das *Obras poéticas* de I. J. de Alvarenga Peixoto.

Há, ainda, no *Parnaso*, o poema “Nise a Fileno”, cujo primeiro verso é “Em vão, Fileno amado,” resposta de Eureste Fenício a “Fileno a Nise”, de Cláudio Manuel da Costa (c.7 - 43) – que não foi incluído por Rodrigues Lapa em sua edição da obra do poeta. A propósito desse poema, devemos lembrar que ele vem tradicionalmente incluído na obra de Cláudio Manuel da Costa. Nós o indexamos como obra de Alvarenga Peixoto. Evitamos, assim, criar mais uma figura autoral, Eureste Fenício, para a qual não teríamos um correspondente na realidade. Entretanto, respeitando a tradição, e para facilitar sua localização por pessoas nele interessadas, inscrevemos o poema também, no índice, entre os de Cláudio Manuel da Costa.

A atribuição do pseudônimo de Eureste Fenício a Alvarenga Peixoto já foi motivo de polêmica. Rodrigues Lapa lembra que Alberto de Faria, “com a obstinação que lhe era peculiar”, “rotundamente negava” que esse nome arcádico pudesse ser pseudônimo de Alvarenga Peixoto. Lapa, entretanto, não se opunha a essa idéia, pois lembra “que não há nada que razoavelmente se oponha a essa identificação e que o anagrama Fenício se pode tirar belamente de Inácio Joseph”. Segundo ele, “Eureste seria ‘o que vinha do Oriente’”.¹⁵

Devido a tudo isso, o papel desempenhado pelo *Parnaso brasileiro* na preservação da obra de Alvarenga Peixoto mereceu de Rodrigues Lapa as seguintes palavras:

¹³ *Autos de devassa da Inconfidência Mineira*, 1982, v.1, p.133.

¹⁴ Cf. LAPA, 1960, p.LVIII.

¹⁵ LAPA, 1960, p.XIV.

Quem primeiro reuniu o principal da pequena obra poética de Alvarenga Peixoto que nos resta foi o cônego Januário da Cunha Barbosa, no seu *Parnaso brasileiro* (1829-1832). O modo como essas composições foram recolhidas, por correspondência postal, sem citação das fontes, deixa muito a desejar, não tendo nós indicação segura sobre a autenticidade das mesmas; e as erratas têm um caráter suspeito, mais parecendo por vezes correções do próprio compilador. Apesar de tudo, o *Parnaso*, hoje um raridade bibliográfica, prestou grandes serviços.¹⁶

O tratamento dado por Januário da Cunha Barbosa à obra de Basílio da Gama muito se assemelha ao que dispensou à de Alvarenga Peixoto. Entretanto, se no caso deste o organizador do *Parnaso* não dispunha de obras publicadas para, dentre elas, fazer suas escolhas, o que justificaria o recurso a fontes manuscritas, embora apócrifas, no daquele, apesar de poemas importantes existirem em publicações bastante conhecidas naquela época, como *O Uruguai*, Januário da Cunha Barbosa escolheu incluir, no primeiro caderno da coletânea, cinco poemas, três dos quais estavam sendo publicados pela primeira vez. Os dois que já haviam sido publicados são: 1. "Os Campos Elísios", cujo primeiro verso é "Nos arvoredos bem-aventurados," publicado em Lisboa pela Régia Oficina Tipográfica, em 1776; e 2. "Epitalâmio", cujo primeiro verso, no *Parnaso*, é "Ninfa desta aspereza ao Céu vizinha," publicado em Lisboa pela Oficina de José da Silva Nazaré, em 1769. Os outros três, que estavam sendo publicados pela primeira vez, são: 1. o "Soneto à mesma Senhora [D. Joana]", cujo primeiro verso é "A idade, aquela idade, que primeiro" (c.1 - 21); 2. o "Canto único ao Marquês de Pombal", cujo primeiro verso é "De ti a Lira e o loiro a Arcádia fia," (c.1 - 31); e 3. o "Soneto ao Inca etc.," cujo primeiro verso é "Dos curvos arcos açoitando os ares" (c.1 - 64).

Ao todo, Januário da Cunha Barbosa publicou, no *Parnaso brasileiro*, dezesseis (talvez dezessete) poemas de Basílio da Gama. Além dos cinco poemas presentes no primeiro caderno, há ainda outros doze dispersos pelos cadernos segundo, terceiro, quarto e

¹⁶ LAPA, 1960, p.LVII.

sexto. “A declamação trágica” (c.2 - 3) teve duas edições em vida do autor. Ivan Teixeira informa que esse poema é tradução de *La déclamantion théâtrale*, de Claude Dorat (1734-1780), poeta francês que residiu em Lisboa.¹⁷ O poema *Quitúbia* (Lisboa: Oficina de Antônio Rodrigues Galhardo, 1791), quando de sua primeira publicação, apareceu sem indicação de autoria. Ivan Teixeira, em sua edição do poema (1996, p.247-252), tão bem e minuciosamente anotada, não menciona, nas notas ao poema, a edição do texto no *Parnaso brasileiro*, mas apenas a primeira edição e a das *Obras poéticas* de Basílio da Gama (Rio de Janeiro: Garnier, [1920]), cuja preparação foi iniciada por Joaquim Norberto de Sousa Silva e concluída por José Veríssimo. A edição contida no *Parnaso* merece referência, em nosso entendimento, por reproduzir integralmente o poema e por ter sido, ao que tudo indica, a primeira sob o nome do poeta.

O “Soneto ao Marquês de Pombal, quando em sua queda, o povo de Lisboa pediu que se tirasse o seu retrato, que se havia posto no monumento do Terreiro do Paço” (c.3 - 13), o “Soneto à Rainha D. Maria I” (c.3 - 16) e a “Décima” improvisada sobre a medalha com as armas de Clemente XIV que acompanhava a Bula de extinção dos jesuítas (c.3 - 36) apareceram pela primeira vez no *Parnaso brasileiro*.

O “Soneto a Nossa Senhora da Madre de Deus, quando com as pessoas do Navio, em que fora para Lisboa lhe ofereceram o Traquete, segundo o voto feito em grande temporal” (c.3 - 15) já havia sido divulgado anonimamente, ainda em vida do autor, na *Coleção de obras poéticas dos melhores autores* (Porto: Oficina de Antônio Álvares Ribeiro, 1789. t.I, p.36), o mesmo acontecendo com o “Soneto à alma do Rei D. Sebastião entrando nos Céus” (c.6 - 68), publicado em *Narração dos aplausos* (Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1775. p.60). Nesses casos, foi no *Parnaso brasileiro* que os poemas apareceram pela primeira vez atribuídos ao poeta. Os restantes quatro sonetos (c.3 - 14, c.3 - 25, c.3 - 68 e c.4 - 21) já haviam sido divulgados em forma impressa como obras do autor.¹⁸

¹⁷ Cf. TEIXEIRA, 1996, p.256.

¹⁸ Mais informações sobre todas as edições de obras de Basílio da Gama podem ser encontradas em TEIXEIRA, 1996.

Entre as composições de Basílio da Gama, há um soneto (c.4 - 21), composto, em resposta a outro de autoria do poeta, “por uma Senhora natural do Rio de Janeiro.” Ivan Teixeira, na edição crítica que preparou das *Obras poéticas de Basílio da Gama* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p.355), o reproduz entre os do poeta, com a informação de que sua primeira edição foi no *Parnaso brasileiro*. Sobre esse soneto atribuído a “uma Senhora”, afirma o editor do poeta:

...não consta que houvesse no Rio de então uma poetisa suficientemente adestrada no soneto, que o praticasse de forma tão primorosa e em estilo tão semelhante ao de Basílio. Pode, portanto, ser de algum poeta satírico do tempo. Se for de Basílio, trata-se de um curioso caso de dramatização pessoana...¹⁹

Quanto à suposição de não haver, no Rio de Janeiro daquele tempo, poetisas “adestradas no soneto”, cabe ponderar que no próprio *Parnaso brasileiro* estão obras de D. Delfina Benigna da Cunha, do Rio Grande do Sul, e de D. Beatriz de Assis Brandão, de Minas Gerais. Por que não haveria poetisas do mesmo porte no Rio de Janeiro? Se nos lembrarmos que as querelas ou diálogos poéticos eram muito freqüentes àquele tempo (há outros exemplos no mesmo *Parnaso*) e que esse tipo de atividade poética continuou sendo praticado ao longo de todo o século XIX, a suposição de Ivan Teixeira nos parece fundada em argumentos muito frágeis.

Outro poema que aparece, no *Parnaso*, entre os de Basílio da Gama, sem indicação da autoria, mas que é a ele dirigido, é “O templo de Netuno” (c.3 - 9), de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, que o fez imprimir em Lisboa, em 1776, por ocasião de seu retorno ao Brasil. O poema é curioso, porque intercala, entre o início e o final, ambos em terza rima, um discurso de Clio. No discurso da musa, o poeta emprega o sistema de rimar o final de um verso com uma palavra no meio do verso seguinte, o que nos pareceu ser um exercício do esquema que se tornaria célebre na festa musical dos rondós de *Glaura* (Lisboa: Oficina Nunesiana, 1799).

¹⁹ TEIXEIRA, 1996, p.356.

Bem diversa da dos dois poetas até aqui examinados deve ter sido a situação de Silva Alvarenga. O poeta, tendo residido no Rio de Janeiro, aí lecionou poética e retórica. O próprio Januário da Cunha Barbosa freqüentou seus cursos.²⁰ Dele, há vinte composições no *Parnaso*, das quais, de acordo com informações de Joaquim Norberto de Sousa Silva, seis estavam nele sendo publicadas pela primeira vez.²¹ Estranho, no tocante a esse autor, é o fato de Januário da Cunha Barbosa haver atribuído a Domingos Vidal Barbosa Laje a ode "A Afonso de Albuquerque", incluída, anos mais tarde, por Joaquim Norberto, entre as produções de Silva Alvarenga.²² As razões de Norberto, ele próprio as dá na "Introdução" às *Obras poéticas*:

A primeira [das odes de Silva Alvarenga, dirigida a Afonso de Albuquerque] acha-se na *Coleção de poesias inéditas [dos melhores autores portugueses]*. Lisboa, 1809-1811, 3v., sendo que o nome de Manuel Inácio da Silva Alvarenga anda aí deturpado em João Inácio da Silva Alvarenga, pelo que poder-se-ia pensar ser ela antes de Inácio José de Alvarenga Peixoto. O cônego Januário da Cunha Barbosa a reimprimiu no *Parnaso brasileiro* como obra de Domingos Vidal de Barbosa e assim foi reproduzida no *Mosaico poético*. O Sr. Inocêncio Francisco da Silva, que a excluiu da relação das obras de Silva Alvarenga, segue no seu *Dicionário bibliográfico português* a mesma opinião. O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva ora a dá como de Domingos Vidal de Barbosa em o *Novo Parnaso Brasileiro* e *Varões ilustres*, ora como de Silva Alvarenga nos mesmos *Varões ilustres*.

Na carência de melhores informações que me guiassem a respeito de seu verdadeiro autor, assentei que nem um mal fazia em dá-la como do nosso poeta, salvando sempre esta declaração, sendo que José Maria da Costa e Silva é de opinião que ela pertence a Silva Alvarenga, e que nessa composição se revela um poeta lírico de primeira força.²³

²⁰ Cf. BARBOSA, A. C., 1903, p.281.

²¹ Cf. SILVA, J. N. de S. Introdução. In: ALVARENGA, s.d., p.4-10.

²² Cf. ALVARENGA, s.d., v.1, p.247-250.

²³ SILVA, J. N. de S. Introdução. In: ALVARENGA, s. d., v.1, p.6-7.

Nos outros sete cadernos do *Parnaso brasileiro* aparecem nomes importantes, como Caldas Barbosa (c.3, c.4, e c.8), Sousa Caldas (c.1 e c.4), Cláudio Manuel da Costa (c.4 e c.7), Santa Rita Durão (c.5), Tomás Antônio Gonzaga (c.8), Gregório de Matos (c.5), Alexandre de Gusmão (c.2, c.3 e c.6) e José Bonifácio de Andrada e Silva (c.4), ao lado de poetas cujas obras tiveram pouca ressonância na posteridade, tendo alguns deles caído completamente no esquecimento. De cada um desses poetas menores, apresentaremos uma curta notícia, apenas o suficiente para que o leitor de hoje possa formar uma idéia mais clara do que significou essa obra inaugural de uma tradição, o primeiro *Parnaso brasileiro*.

Tudo parece assinalar que a intenção de Januário da Cunha Barbosa era fazer do seu *Parnaso* a barca de salvação de composições que perigavam cair no definitivo esquecimento. Ao lado de autores consagrados, ele divulgou as obras de inúmeros poetas hoje quase completamente desconhecidos. De alguns deles só se conhece alguma obra devido aos esforços do organizador dessa coletânea. Por esses motivos, o estudo e o conhecimento do projeto posto em prática pelo cônego diretor da Tipografia Nacional pode dar ao leitor de nossos dias uma visão mais ampla da vida literária no Brasil daqueles tempos.

A este propósito, cabe reparar que a obra de que falamos, o *Parnaso brasileiro*, nunca foi reeditada, embora já em 1843 fosse uma obra rara. Ela é mencionada em todas as histórias literárias importantes, é fonte de consulta obrigatória para os pesquisadores das obras de todos os poetas que nela encontraram divulgação, mas nunca foi, ela própria, examinada em sua dimensão de monumento, em seu significado, em suas intenções, e no que alcançou realizar em favor de uma cultura cuja organização estava toda por fazer. Da circunstância de sua realização podemos depreender o seu caráter de obra fundadora e que, com toda a precariedade tipográfica e com todas as dificuldades de pesquisa próprias daquele tempo, ainda é capaz de nos falar vivamente ao pensamento.

OS POETAS MENORES DO PARNASO

Apresentamos a seguir notícias resumidas dos autores menos conhecidos que, no *Parnaso brasileiro*, ombreamos com nomes hoje célebres. Dispensamo-nos de fornecer dados de poetas sobre os quais muita informação pode ser encontrada nas histórias literárias. Estão nesse caso Silva Alvarenga, Caldas Barbosa, Sousa Caldas, Cláudio Manuel da Costa, Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Tomás Antônio Gonzaga, Gregório de Matos Guerra, Alvarenga Peixoto, José Elói Otoni e José Bonifácio de Andrada e Silva. No outro extremo estão os poetas sobre os quais nada alcançamos saber. Entre estes estão os dois designados como anônimos no próprio *Parnaso*, os que receberam as designações de “Um Brasileiro” e de “Uma Senhora natural do Rio de Janeiro”, Brás Martins Pupo, Custódio Gonçalves Ledo e Sebastião de Aguilar Sandenabo. Alguns outros, de identificação duvidosa, mereceram notas, em que apresentamos algumas hipóteses e/ou comentários que podem vir a facilitar a identificação. Encontram-se nessa situação o poeta designado no *Parnaso* apenas pelo prenome Bernardo e o poeta que assumimos ser Joaquim Cândido Soares de Meireles, registrado por Januário da Cunha Barbosa como J. B. Soares de Meireles. Quanto a esses autores, que designamos “menores”, dispusemo-los em ordem alfabética:

ARAÚJO, Antônio José de

Nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de fevereiro de 1807. Fez o curso de engenharia e exerceu o magistério como lente da Academia Militar. Foi sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, da qual também foi sócio o Cônego Januário da Cunha Barbosa e em cujo seio, a 18 de agosto de 1838, foi proposta a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como filial dela. O soneto de sua autoria incluído no *Parnaso brasileiro* foi escrito em resposta a outro, de D. Delfina Benigna da Cunha, razão pela qual ele vem incluído entre os dela. Provavelmente, essa circunstância explica o fato de Sacramento Blake, usualmente muito minucioso no tocante a dados bibliográficos, não o ter incluído entre as obras do autor.

Que seja ele o autor do poema que consta do *Parnaso*, podemos ter certeza, ainda, pelas seguintes evidências: Sacramento Blake informa que ele foi oficial do Imperial Corpo de Engenheiros, no qual foi admitido em 1825, tendo sido promovido a Segundo-Tenente um ano depois; D. Delfina Benigna da Cunha dedica o soneto que antecede ao do poeta no *Parnaso* “aos anos do Sr. Antônio José de Araújo, Tenente do Imperial Corpo de Engenheiros.” (c.4 - 35) Ele escreveu e publicou, entre outras, as seguintes obras: *Poesias oferecidas às senhoras brasileiras* (Rio de Janeiro, 1832); *Telaira* ou *Os espanhóis no Novo Mundo*, tragédia (Rio de Janeiro, 1835); *Pensamentos poéticos* (Rio de Janeiro, 1838). Antônio José de Araújo morreu a 16 de abril de 1869.

BARBOSA, Francisco Vilela

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1769. Foi professor de matemática, político e poeta. É mais conhecido por seu título de Marquês de Paranaguá. Publicou *Poemas*, em 1794. Morreu em 1846.

BERNARDO

Nada conseguimos apurar com certeza sobre esse poeta, referido por Januário da Cunha Barbosa apenas pelo prenome, com as indicações de que era natural da vila de Santos e célebre pintor na capital de Minas Gerais (c.4 - 20). O *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais* (Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974. 2v.), de Judith Martins, registra apenas um pintor de nome Bernardo. Trata-se de Bernardo Pires, que, em 1774, “entregou a obra de pintura dos painéis e do douramento da capela-mor da Matriz [de Nossa Senhora do Pilar], por ele executada e arrematada por João de Carvalhais (L.^o de ‘Termos’ da Irmandade do S.S. Sacramento, fls. 139v.).” (*Dicionário...*, v.2, p.138) Na falta de mais informações, não podemos afirmar que o poeta do *Parnaso* e Bernardo Pires, do qual, aliás, nos faltam dados biográficos, sejam a mesma pessoa.

BRANDÃO, Beatriz Francisca de Assis

Nasceu em Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais, a 29 de julho de 1779. Era prima e foi confidente de Maria Joaquina Dorotéia de Seixas Brandão, a Marília de Dirceu. Apesar de limites impostos a sua educação pelos pais, aprendeu as línguas francesa e italiana. Quando Januário da Cunha Barbosa incluiu poesias suas no *Parnaso brasileiro*, precedendo-as de palavras as mais lisonjeiras, ainda não tinha livros publicados. Escreveu diversas obras, tendo dado ao prelo as seguintes: *Cantos da mocidade* (Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1856); *As comendas*, poema (Rio de Janeiro); *Saudação à Exma. Sra. D. Violante Ximenes de Bivar e Vellasco* (1859); *Cartas de Leandro e Hero* (Rio de Janeiro, 1859); *Catão*, tradução de Metastasio (Rio de Janeiro, 1860); *Romances*, imitados de Gessner (Rio de Janeiro, s.d.) e “Lágrimas do Brasil”, poesia incluída no volume intitulado *Mausoléu levantado à memória da excelsa rainha de Portugal D. Estefânia* (Rio de Janeiro, 1860). Quando, já em idade avançada, morreu Maria Joaquina Dorotéia de Seixas Brandão, escreveu ela uma comovida nênia pela morte de sua prima. Martins de Oliveira a transcreve em sua *História da literatura mineira* (Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1963. p.121-123). A poetisa deixou muitas obras inéditas. Morreu no Rio de Janeiro, a 5 de fevereiro de 1868.

BRANDÃO, Joaquim Inácio de Seixas

Nasceu em Minas Gerais. Era parente próximo de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Montpellier, na França. Exerceu a profissão de médico no hospital da vila de Caldas da Rainha. Foi poeta repentista e grande amigo de Basílio da Gama. Faleceu, segundo Raimundo de Meneses, em lugar e data ignorados.

BRITO, Paulo José de Melo Azevedo e

Nasceu na Bahia, em 1779. Formou-se em Leis pela Universidade de Coimbra. Segundo Raimundo de Meneses, produziu muito,

mas publicou apenas quatro ou cinco composições poéticas em avulso. Sacramento Blake e Raimundo de Meneses não referem publicação alguma de sua autoria no *Parnaso brasileiro*, de Januário da Cunha Barbosa. Entretanto, ambos mencionam uma “Epístola” publicada no segundo volume do *Parnaso brasileiro*, de J. M. Pereira da Silva, que tivemos a oportunidade de confrontar com a publicada no primeiro *Parnaso*. Trata-se do mesmo poema. O poeta morreu no Rio de Janeiro, em 1848.

CARVALHO, Silvério Ribeiro de (Padre Silvério da Paraopeba)

Nasceu na freguesia de Paraopeba, município de Ouro Preto, hoje Itabirito, em Minas Gerais, no ano de 1767. Foi presbítero secular e fazendeiro em suas terras, de onde tomou o nome (da Paraopeba). Praticava o gênero satírico, tendo publicado muitas poesias no *Universal*, periódico de Ouro Preto, entre 1825 e 1842. Algumas de suas poesias foram reunidas por José Maria Vaz Pinto Coelho no livro *Trovas mineiras* (Rio de Janeiro: Tipografia Portugal e Brasil, 1863). O exemplar dessa obra que pertence (ou pertenceu) ao Arquivo Público Mineiro teve quatro de suas páginas arrancadas, seguramente por algum moralista ou membro de família satirizada. O Padre morreu velho e cego, em 1843.

CORDOVIL, Bartolomeu Antônio

Bartolomeu Antônio Cordovil é nome literário de Antônio Lopes da Cruz, que também utilizava o pseudônimo árcade de Evandro. Nasceu em Goiás ou Rio de Janeiro, em 1746. Formou-se em Direito, em Coimbra. Segundo Raimundo de Meneses, sua tradução da “Arte Poética”, de Horácio, que está entre os poemas publicados no *Parnaso* (c.6 - 3), foi feita em colaboração com sua mulher, Rita Clara Freire de Andrada. Morreu em Goiás, em 1810.

COSTA, José Inácio da (O Capacho)

Natural do Rio de Janeiro, ignoram-se as datas de seu nascimento e de sua morte. Utilizava o pseudônimo de Capacho. Era ator profissional, poeta satírico e repentista. Viveu no vice-reino do Brasil. Não publicou livros. Dele só são conhecidos os dois sonetos que constam do *Parnaso brasileiro*.

CUNHA, Delfina Benigna da

Nasceu em S. José do Norte, no Rio Grande do Sul, a 17 de junho de 1791. Ficou cega aos 20 meses de idade, em consequência do sofrimento de varíola. Apesar de filha do Capitão-Mor Joaquim Ferreira da Cunha Sá e Meneses e de não ter tido grandes oportunidades de instrução, impressionou os seus contemporâneos com as habilidades que desenvolveu. Aos doze anos já compunha versos e, mais tarde, tornou-se repentista. Segundo Sacramento Blake, em suas composições nota-se facilmente o desgosto que lhe causava a cegueira. Eis alguns versos dela, citados pelo bibliógrafo:

Hoje, qual uma tábua no oceano
Abandonada ao ímpeto das ondas
E perdida para todos – tal me vejo!
Tudo careço, porque a luz é tudo.

Ao tempo em que Januário da Cunha Barbosa incluiu seus poemas no *Parnaso brasileiro* (Caderno 4º, 1830), D. Delfina ainda não tinha livros publicados. No *Parnaso*, os seus versos vêm precedidos de uma apresentação, em que o organizador fornece alguns de seus dados biográficos e lhe faz o elogio. Mais tarde, ela publicou: *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses* (Porto Alegre, Tipografia de Fonseca & Cia., 1834); *Poesias oferecidas às senhoras brasileiras* (Rio de Janeiro, Tipografia Austral, 1838, com outra edição, no mesmo ano, pela Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & Cia.), *Coleção de várias poesias dedicadas à Imperatriz viúva* (Rio de Janeiro, Tipografia Universal de Laemmert, 1846). A segunda de suas obras aqui enumeradas pode ser que seja reedição da primeira, pois assim é dada (inclusive com o mesmo

título da primeira) por Guilhermino César, que ainda informa ser dela o primeiro livro de versos que se publicou em prelos rio-grandenses. Segundo esse autor, ela morreu no Rio de Janeiro, a 13 de abril de 1857. O local de sua morte é dado por Walter Spalding, segundo Raimundo de Meneses (que também registra a cidade do Rio de Janeiro), como sendo a Cidade do Rio Grande (RS).

FRANÇA, Luís Paulino de Oliveira Pinto da

Nasceu na Bahia, em 1771. Foi militar, tendo alcançado o posto de Marechal de Campo. Foi considerado bom poeta em seu tempo, mas é pouco conhecido porque a quase totalidade de suas obras não foi publicada. Morreu a bordo do brigue Treze de Maio, quando deixava a Baía de Guanabara, rumo a Portugal, em 1824.

GADELHA, José Gomes da Costa

Nasceu em Pernambuco, em 1743. Ordenou-se em 1768 e foi capelão de navio. Segundo Raimundo de Meneses, morreu no mar, em local e data ignorados.

GUIMARÃES, Manuel Ferreira de Araújo (Elmano Bahiense)

Nasceu na cidade da Bahia, em 1777. Estudou em Portugal, na Academia de Marinha. Voltou para o Brasil em 1805. Publicou numerosas obras de geometria e matemática. Foi um dos fundadores do primeiro jornal literário carioca, *O Patriota* (1813-1814), onde publicou poesias com o pseudônimo de Elmano Bahiense. Segundo Néelson Werneck Sodré, o periódico trazia por epígrafe os mesmos versos de Antônio Ferreira com que Januário da Cunha Barbosa encerra a sua "Introdução" ao caderno 2.º do *Parnaso* (1830): "Eu desta glória só fico contente, / Que a minha terra amei, e a minha gente." O poeta faleceu em 1838. Devemos a identificação deste poeta, registrado por Januário da Cunha Barbosa apenas pelo pseudônimo, à Profa. Letícia Malard.

GUSMÃO, Alexandre de

Nasceu em Santos, em 1695. Diplomou-se em Direito, foi diplomata, estadista e secretário particular de D. João V. Era irmão de Bartolomeu Lourenço, o Padre Voador. Recebeu o nome do jesuíta Alexandre de Gusmão (Lisboa, 1629 - Cachoeira, BA, 1724), que foi seu padrinho. Este era também escritor, e o poeta aqui mencionado não deve ser confundido com ele. Faleceu em Lisboa, em 1753.

LAJE, Domingos Vidal Barbosa

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1761. Estudou Medicina em Bordéus. Envolveu-se na Inconfidência Mineira, tendo sido condenado à morte. A pena capital, como a de todos os outros inconfidentes, à exceção de Tiradentes, foi comutada para dez anos de degredo na ilha de São Tiago de Cabo Verde, na África. Morreu em 1793, apenas oito meses depois de haver desembarcado na ilha. São conhecidos apenas dois poemas de sua autoria, ambos publicados no *Parnaso brasileiro*. Um deles, entretanto, a ode “A Afonso de Albuquerque”, foi incluído por Joaquim Norberto de Sousa Silva nas *Obras poéticas* de Silva Alvarenga (Rio de Janeiro: Garnier, s.d. v.1. p.247-250).

MASCARENHAS, Miguel Eugênio da Silva

Nasceu em Sabará, Minas Gerais, onde, segundo Sacramento Blake, morreu ainda jovem, depois de sofrer três anos de alienação mental. Esse bibliógrafo afirmava conhecer dele apenas a “Seqüência da missa de defuntos”, que se acha publicada no *Parnaso brasileiro*.

MEIRELES, Joaquim Cândido Soares de

Nasceu em Sabará, Minas Gerais, em 1797. Foi médico, membro fundador da Imperial Academia de Medicina (1830) e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Escreveu obras sobre assuntos médicos e acerca de questões relativas ao ensino da

Medicina. Morreu no Rio de Janeiro, em 1868. Januário da Cunha Barbosa deve ter-se enganado ao registrar o nome do poeta como J. B. Soares de Meireles, natural de Minas Gerais. Se, por um lado, não encontramos referências a nenhum poeta com as iniciais “J. B.”, Joaquim Cândido Soares de Meireles não é registrado, nas obras de referência consultadas, como poeta. É bem verdade que o poema a ele atribuído é uma tradução de Ovídio.

REIS, João Gualberto Ferreira dos Santos

Nasceu em Santo Amaro da Purificação, Bahia, em 1787. Foi poeta, latinista e tradutor de obras clássicas, entre elas a *Eneida*, de Virgílio. Era irmão de Antônio Ferreira dos Santos Capirunga e de Ladislau dos Santos Titara, ambos também poetas. Morreu em 1861.

SALES, Francisco de

Nasceu em Pernambuco, em 1735. Muito versado na língua latina, exerceu o magistério em Lisboa, como professor público de Retórica e Poética. Foi sócio da Arcádia Ulissiponense com o nome de Títiro Parteniense. Sacramento Blake informa que esse autor escreveu muitas obras que nunca foram publicadas. Segundo o bibliógrafo, a “Fábula de Orfeu e Eurídice” foi publicada na *Miscelânea curiosa e proveitosa* (Lisboa, 1784, t.6, p.337-352); depois, no *Jornal Enciclopédico* (abril de 1789, p.106 a 122), com algumas variantes; e, finalmente, no *Parnaso brasileiro*, sempre sem declaração do nome do autor. A respeito deste último ponto, há engano de Sacramento Blake, porque, pelo menos no que diz respeito ao *Parnaso brasileiro*, o nome do autor é declarado, na forma seguinte: “Por Sales, natural de Pernambuco”. Francisco de Sales morreu em Lisboa, em 1801. A situação desse poeta, no tocante à sua identificação como autor do idílio “Fábula de Orfeu e Eurídice” incluído no *Parnaso*, é bastante complexa. Em primeiro lugar, embora Januário da Cunha Barbosa se refira a ele, ao pé do poema, como “Sales, natural de Pernambuco”, no índice do Caderno 2, que vem no Caderno 4 (p.78, 1830) do *Parnaso*, o poema vem registrado como “Idílio de Francisco José de Sales (de Minas) ou Fábula de

Orfeu e Eurídice.” Sacramento Blake chama atenção para o fato de que, na mesma época, havia um religioso franciscano de igual nome, e que também existiu um outro escritor com o mesmo nome, o Padre Francisco de Sales, nascido este muito posteriormente (em 1806). Ambos eram naturais de Lisboa. A *Enciclopédia de literatura brasileira* (Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante, 1990. v.2. p.1196), por sua vez, registra um “Francisco José de Sales” (nome pelo qual Januário da Cunha Barbosa se refere, no índice, ao autor do idílio por ele publicado), poeta do século XVIII, ouvidor em Pernambuco, que participou do ato acadêmico realizado em Recife a 19 de março de 1775, em comemoração ao aniversário do Governador e Capitão-General Sr. José César de Meneses. A coleção das obras feitas para esse ato acadêmico, publicadas por José Aderaldo Castello (*O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/22*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976. v.III. t.5), contém três sonetos de sua autoria. Não podemos ter certeza de que o poeta que foi ouvidor, cujo local de nascimento desconhecemos, seja o mesmo nascido em Pernambuco. O que parece certo é que o poema publicado por Januário da Cunha Barbosa é de autoria do acadêmico ulissiponense, este, sim, nascido em Pernambuco e sabidamente autor de um idílio intitulado “Fábula de Orfeu e Eurídice”.

SILVA, João Pereira da

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1743. De origem humilde, estudou com dificuldades no Brasil, em Portugal e em Roma, onde se ordenou sacerdote. Foi professor de Latim e Retórica na ilha da Madeira e cônego da Sé de Lisboa. Morreu em 1818, quando estava designado como mosenhor da capela real do Rio de Janeiro.

SILVA, Joaquim José da

Nasceu no Rio de Janeiro, no último quartel do século XVIII; segundo Raimundo de Meneses, em 1775. Sacramento Blake informa que ele era irmão do Cônego e poeta João Pereira da Silva. Exercia o ofício de sapateiro e, por isso, ficou conhecido por “Sapateiro Silva”. Tinha grande capacidade de improvisação, o que fazia em

estilo popular, que a muita gente agradava. Sua obra, de natureza circunstancial e oral, passou à história graças ao interesse que por ela tiveram o Cônego Januário da Cunha Barbosa e Francisco Adolfo de Varnhagen. Cunha Barbosa incluiu em seu *Parnaso brasileiro* oito sonetos e cinco glosas. Outras duas glosas foram preservadas por Varnhagen, que as incluiu no *Florilégio da poesia brasileira* (Lisboa, 1850. v.2). Na relação de suas obras apresentada por Sacramento Blake, só há dois sonetos, ambos registrados no *Parnaso* de Januário da Cunha Barbosa. Em anos mais recentes, sua poesia despertou o interesse de Flora Süssekind e Rachel Teixeira Valença, que a estudaram e editaram na obra *O sapateiro Silva* (Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983). O poeta faleceu em data ignorada.

SOUSA, Luís Antônio da Silva e

Nasceu em Tijuco do Serro Frio, Minas Gerais, em 1764. Foi cônego, orador, poeta, historiador, político e professor. Morreu em Vila Boa, Goiás, em 1835.

PREFÁCIOS

AO PÚBLICO¹

Empreendi esta coleção das melhores poesias dos nossos poetas, com o fim de tornar ainda mais conhecido no mundo literário o gênio daqueles brasileiros, que, ou podem servir de modelos, ou de estímulo à nossa briosa mocidade, que já começa a trilhar a estrada das belas-letas, quase abandonada nos últimos vinte anos dos nossos acontecimentos políticos.

Os que se deram a uma semelhante tarefa na Inglaterra, França, Portugal, e Espanha, decerto não tiveram tantas dificuldades a vencer, como as que encontro neste país, onde a imprensa é moderna, e por isso os escritos, por mais de uma vez copiados, podem ser, em muitas partes, diferentes dos que saíram das penas de seus autores.

Todavia, confrontando manuscritos de amigos entendidos, e amantes dos nossos poetas, e sem desprezar o conselho de alguns, que ainda lhes pertencem por sangue e afeição, julgo prestar um serviço louvável, aos que desejam possuir, em uma só coleção, tantas poesias estimáveis, que o tempo vai já consumindo, com prejuízo da nossa glória literária.

Fora bom ajuntar a esta coleção uma notícia biográfica de tantos poetas, que honram o nome brasileiro com produções distintas; mas esta tarefa, oferece maiores dificuldades sem contudo desanimar a quem espera ainda oferecer ao conhecimento do mundo as memórias dos ilustres brasileiros, que fazem honra à literatura nacional. Os dois Alvarengas,² José Basílio,³

¹ Este texto, Ao Público, vem no Caderno 1º, publicado em 1829.

² Ambos poetas árcades: Inácio José de Alvarenga Peixoto (Rio de Janeiro, 1844 - Ambaça, Angola, 1793), inconfidente, cujas *Obras poéticas* foram coligidas por Joaquim Norberto de Sousa Silva e publicadas em Paris, em 1865; e Manuel Inácio da Silva Alvarenga (Ouro Preto, 1749 - Rio de Janeiro, 1814), autor de *Glaura* (Lisboa, 1799).

³ José Basílio da Gama (São José del Rei, hoje Tiradentes, 1741 - Lisboa, 1795), autor de *O Uruguai* (Lisboa, 1769).

Sales,⁴ Cláudio Manuel,⁵ João Pereira,⁶ Caldas,⁷ e outros que hoje só vivem em suas obras, têm parentes e amigos, que decerto se prestarão a comunicar-me as matérias necessárias à biografia dos poetas brasileiros, que intento escrever, para ser publicada em algum dos seguintes tomos desta coleção. A esperança em que estou de ser coadjuvado nesta empresa de glória nacional, por todas as pessoas, que possuem poesias e notícias dos nossos bons poetas, até hoje sepultados em arquivos particulares, obriga-me a pedir, que as confiem do editor do *Parnaso brasileiro*, remetendo-as à sua morada, Rua dos Pescadores, n.º 112 (porte pago), onde se dará recibo, para a entrega do original, depois de copiado.

O Cônego Januário da Cunha Barbosa

⁴ No *Parnaso brasileiro*, Januário da Cunha Barbosa publicou o poema “Fábula de Orfeu, e Eurídice – Idílio, por Sales, natural de Pernambuco” (Caderno 2, p.17-29, 1830). Entretanto, no índice do Caderno 2, que vem no Caderno 4 (p.78, 1830), o poema vem assim especificado: “Idílio de Francisco José de Sales (de Minas) ou Fábula de Orfeu e Eurídice”. Para mais informações acerca de questões relativas a esse poeta, ver o texto introdutório a esta edição.

⁵ Cláudio Manuel da Costa (Vila do Ribeirão do Carmo, atual Mariana, 1729 – Vila Rica, atual Ouro Preto, 1789), autor cujas *Obras* (Coimbra, 1768) são consideradas o marco inicial do Arcadismo na literatura brasileira.

⁶ João Pereira da Silva (Rio de Janeiro, 1743 - ? 1818): autor de “O Carnaval” (*O Patriota*, Rio de Janeiro, t.3, n.3, p.57-61), em verso heróico, e de *A Estolaida*. Januário da Cunha Barbosa incluiu, no *Parnaso brasileiro*, tanto o cântico “O Carnaval” (Caderno 1, p.59-62, 1829) como a “Descrição, e Fábula do Pão de Açúcar, e do sítio denominado o Botafogo, extraído do 2º canto do poema herói-cômico, inédito – *Estolaida*, – composto por João Pereira da Siva, do Rio de Janeiro.” (Caderno 3, p.17-18, 1830). No Caderno 8 (p.23-24, 1832), Januário da Cunha Barbosa incluiu uma “Breve notícia sobre a vida de João Pereira da Silva (natural do Rio de Janeiro)”.

⁷ Com o sobrenome Caldas, temos dois poetas importantes, o árcaico Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, em um navio ou Bahia, 1738 - Lisboa, 1800) e o pré-romântico, autor de importante obra de inspiração religiosa, Antônio Pereira de Sousa Caldas (Rio de Janeiro, 1762 - Rio de Janeiro, 1814). No caso, está nomeado o poeta pré-romântico.

INTRODUÇÃO⁸

A nação brasileira, que nestes derradeiros tempos se tem feito conhecer, e devidamente apreciar no meio do mundo civilizado por seus nobres sentimentos patrióticos, com os quais soube vindicar a sua independência e liberdade, depois de mais de trezentos anos de opressiva tutela; carecia ainda de fazer patente ao mundo ilustrado quanto ela tem sido bafejada, e favorecida das musas, particularmente daquelas que, empregando a linguagem das paixões e da imaginação animada, oferecem à admiração das eras exatos modelos do mais delicado engenho, e apurado gosto. Verdade é que sobejos monumentos de divina poesia muito há adornavam os seus fastos literários, com os quais podia correr a par das nações mais bem aquinhoadas neste gênero de glória; porém que montava nadasse ela em tantas e tão puras riquezas de amena literatura, se as muito bem acabadas produções dos seus melhores engenhos jaziam nas trevas do esquecimento, já por existirem inéditas em mãos avaras ou incuriosas, já por haverem sido⁹ dadas à estampa confusa, e destacadamente em coleções, a que nem sempre presidiu o bom gosto? Os mesmos nomes dos mais abalizados autores de suas composições poéticas, dignas de cedro e bronze, andavam até trocados; e muitas delas havia, e não das menos distintas, que

⁸ Esta Introdução vem no Caderno 2º, publicado em 1830.

⁹ No texto: "havem sido".

corriam anônimas,¹⁰ por se ignorar completamente quem fossem os seus verdadeiros escritores: em uma palavra, o Brasil gozando a dita de ter visto nascer no seu solo poetas ilustres, que os mais belos tempos da Grécia e do Lácio se não dedignariam de contar por seus poetas, aos quais exatamente compete o *mens diviniór, atque os magna sonaturum* do grande lírico romano;¹¹ talvez porque no meio das suas desaventuras nunca teve ócio sobejo para lhes levantar padrões, que os tirasse do pó do esquecimento, não podia ostentarse entre as nações cultas tão fecundo e rico em tesouros de nobre poesia, quanto em realidade deles se achava abastado.

Agora porém que o Brasil, felizmente desassombrado da opressão antiga, e tão duradoura; agora, que ocupando um lugar distinto na categoria dos povos livres, lhe é já permitido, à sombra de um governo verdadeiramente paternal, o dar-se em desafogo à altura de todo o gênero de úteis aplicações; fora sem dúvida um descuido imperdoável o não fazer ressurgir a sua esmorecida literatura, apresentando na frente dela as excelentes composições poéticas dos seus mais ilustres engenhos. E quem não vê, que o conhecimento do patrimônio opulento, deixado como herança à mocidade futura por seus tão gloriosos antepassados, deverá necessariamente despertar de novo as sementes do bom e apurado gosto na geração presente, e na que está para vir? Sim, e eu o tenho por sem dúvida, os jovens meus patrícios, lendo e estudando os perfeitos exemplares de animada poesia dos seus claros maiores, que nesta coleção lhes irei apresentando, certo se irão também mais e mais adestrando neste gênero de amenas composições, e chegarão porventura a dar à pátria cópias fiéis de tão bem acabados modelos.

¹⁰ Alguns dos poemas publicados por Januário da Cunha Barbosa, sendo de autores brasileiros, foram divulgados, às vezes anonimamente, em coletâneas ou em publicações avulsas dadas a lume em Portugal. Apenas como exemplo, podemos citar o poema *Quitúbia*, de Basílio da Gama, cuja primeira edição (Lisboa: Oficina de Antônio Rodrigues Galhardo, 1791) não trazia a indicação de autoria. (Cf. TEIXEIRA, 1996, p.247.)

¹¹ Horácio, *Sátiras*, Livro I, IV, 43-44. No texto: "*mens diviniór, adque os magna sonaturum*".

Pela minha parte, no desempenho da árdua tarefa, que tomei a peito, fazendo indubitavelmente um serviço relevante à glória literária do meu ninho paterno, contentar-me-ei dele em recompensa com haver concorrido para acordar o louvor dos beneméritos passados, e para estimular a sua imitação, assim a presente, como as gerações futuras.

Eu desta glória só fico contente,
Que a minha pátria amei, e a minha gente.
(Ferreira)¹²

O Cônego Januário da Cunha Barbosa

¹¹ Antônio Ferreira (1528-1569): poeta português, doutrinador do Classicismo em Portugal, escreveu a tragédia *A Castro* (1587) e *Poemas lusitanos* (1598). Os versos citados por Januário da Cunha Barbosa são os dois últimos de uma oitava rima intitulada "Aos bons engenhos", que vem no início da primeira parte dos versos de *Poemas lusitanos*. Eis a oitava, na íntegra: "A vós canto espíritos bem-nascidos, / A vós, e às Musas ofereço a Lira: / Ao Amor meus ais e meus gemidos, / Compostos do seu fogo e da sua ira, / Em vossos peitos são, limpos ouvidos / Caiam meus versos, quais me Febo inspira! / Eu desta glória só fico contente, / Que a minha terra amei, e a minha gente!" (v.1 p.1) A edição por nós consultada foi a dos *Poemas lusitanos* (Lisboa: Sá da Costa, 1939. 2v.) que traz prefácio e notas do Prof. Marques Braga. Em nota de rodapé dedicada aos últimos versos da oitava, diz o professor: "Estes dois versos ficaram proverbiais. Na realidade, Ferreira amou bem Portugal, propugnando audazmente pelo uso da língua pátria numa época em que o português e castelhano tinham direitos iguais. Ferreira tinha a noção, expressa três séculos mais tarde por A. Daudet: 'quando um povo é escravizado, mantendo a língua, está senhor da chave da sua prisão'."

AVISO¹²

O bom acolhimento, que tem merecido o 1.^o volume do *Parnaso Brasileiro*, anima o seu editor Januário da Cunha Barbosa a prosseguir nesta empresa de glória nacional, publicando o 2.^o volume, também dividido em 4 n.^{os} de 8 folhas de impressão;¹³ cada um dos quais será anunciado logo que esteja pronto na tipografia.

Subscreve-se para esta obra nas casas dos Srs. Veiga, Rua da Quitanda esquina da de S. Pedro; E. S. Plancher, Rua do Ouvidor n.^o 95, e na Tipografia Nacional. O preço da subscrição é de 2\$000 rs. pelo volume, pagos adiantados; e o de cada um dos 4 n.^{os} é de 600 rs., quando não contenham mais de 8 folhas de impressão.

Acham-se à venda nas mencionadas casas os n.^{os} do 1.^o volume, e se vendem pelos preços anunciados.

Os Srs., que subscreverem, poderão mandar receber esta obra nas casas em que fizerem a assinatura, logo que pelos Diários se anuncie a publicação de cada um dos n.^{os} do *Parnaso Brasileiro*.

Rio de Janeiro 17 de outubro de 1831.

¹² Este Aviso vem no Caderno 5^o, que foi publicado em 1831 e dá início ao segundo volume.

¹³ Os cadernos 5^o e 7^o têm 64 páginas, enquanto os 6^o e 8^o têm 68; portanto, cada folha de impressão comportava 8 páginas (formato in-quarto).

ÍNDICES

ÍNDICES DO PARNASO BRASILEIRO

de Januário da Cunha Barbosa

O *Parnaso brasileiro* é composto de dois tomos ou volumes (o primeiro traz na página de rosto a designação de tomo; o segundo, a designação de volume), ambos subdivididos em quatro cadernos numerados, que foram publicados seqüencialmente entre 1829 (primeiro caderno) e 1832 (oitavo caderno). O primeiro volume contém os cadernos de números 1 a 4; o segundo, de 5 a 8. Cada uma dessas subdivisões tem sua paginação própria, ou seja, em cada caderno a numeração das páginas recomeça do número 1, que é atribuído, em todos eles, à página de rosto. Por esse motivo, as simples indicações de página e volume não são suficientes para a localização de qualquer texto contido na obra. Adotamos, nos índices, a notação *c.* seguida de dois números: o do caderno e o da página em que se encontra o texto indexado (por exemplo: a indicação *c.3 - 38* refere-se ao texto que se encontra à página 38 do terceiro caderno). Para facilitar a futuros pesquisadores a localização de textos e para proporcionar ao leitor de hoje uma visão de conjunto do *Parnaso brasileiro*, foram preparados três índices: um “Índice Geral da Obra”, um “Índice de Autores” e um “Índice de Primeiros Versos”. Em todos os índices, a transcrição de versos foi feita sempre entre aspas.

ABREVIATURAS EMPREGADAS NOS ÍNDICES

- c.* = caderno
- Est.* = estância
- s.a.* = sem indicação de autoria
- s.p.* = sem número de página (página não numerada)

ÍNDICE GERAL DA OBRA

Este índice obedece à ordem na qual se encontram, ao longo da obra, os textos, tanto poéticos como informativos. A indicação de autoria dos poemas, no *Parnaso*, é feita de maneira irregular: às vezes antecede, às vezes se segue ao título; às vezes vem em seguida ao texto do poema; e, ainda, em outros casos, está faltando. Neste índice, assim como no “Índice de Autores”, obedecemos à disposição das informações na publicação. Quando a indicação de autoria vem ao pé do poema, interpusemos entre o título e o nome do autor, no índice, entre colchetes, a palavra “texto” [texto], querendo com isso significar que o texto do poema se encontra abaixo do título e acima do nome do poeta. Nos casos em que a autoria do poema não vem indicada, utilizamos a abreviação “s.a.”, isto é, “sem indicação de autor”, também entre colchetes [s.a.]. Há, ainda, os casos em que os poemas de um poeta (geralmente muito conhecido, como Silva Alvarenga, Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa) não trazem a indicação de autoria em cada poema, como é a regra geral em ambos os volumes, mas, nesses casos, o conjunto dos poemas vem precedido por uma “notícia biográfica” do autor. O procedimento adotado, no índice, foi o de também não mencionar o autor de cada poema: a indicação fica dada por entendida pela “notícia” que os antecede.

Informações úteis, que não constam textualmente do *Parnaso*, mas foram por nós acrescentadas, encontram-se, neste “Índice Geral da Obra” e no “Índice de Autores”, entre colchetes. Estão nesse caso, por exemplo, as explicações sobre textos que não trazem títulos e as numerações ou títulos dos poemas em edições correntes.

As formas de apresentação dos poemas ao longo das páginas do *Parnaso* são muito variadas, tanto no aspecto tipográfico (principalmente no tocante ao emprego de maiúsculas, versalete e itálico) como no da pontuação. Procuramos manter a formulação dada pelo autor da antologia às rubricas iniciais, mas procuramos

dar uniformidade à tipografia, assim como procedemos a algumas interferências na pontuação e à supressão de alguns parênteses. No mais, as rubricas iniciais dos poemas (e dos textos sobre os poetas), desde que não estejam entre colchetes, reproduzem textualmente as da publicação original.

No caderno 2º, a “Introdução” de Januário da Cunha Barbosa vem em três páginas não numeradas (duas folhas), interpostas entre a página de rosto e a primeira página numerada, que é a de número três.

Os poemas sem título, compostos segundo o esquema “mote/glosa”, foram indexados com a indicação da forma do mote (dístico, quadra ou oitava) quando este está composto por mais de um verso; quando o mote é constituído por apenas um verso, ele foi transcrito entre aspas.

Poemas de um autor atribuídos a outro, quando identificados por nós, receberam, entre colchetes, a indicação correta de autoria e foram indexados sob o nome de ambos os autores. Entendemos que a estrutura do *Parnaso*, com esse procedimento, fica mais facilmente visível para o leitor que consultar o índice, enquanto a autoria dos poemas fica inequivocamente assinalada pela indicação entre colchetes. Não se trata apenas de corrigir, mas de dar a conhecer a importantíssima obra de Januário da Cunha Barbosa. Atribuições equivocadas de autoria, mas que foram corrigidas pelo próprio organizador do *Parnaso*, foram alteradas conforme a indicação da errata; nesses casos o índice não indica a ocorrência do engano na página em que se encontra o poema.

Informações adicionais úteis, que ultrapassariam os limites do espaço disponível no índice, foram postas em notas de rodapé, mas apenas no “Índice Geral da Obra”. Os outros índices não trazem notas de rodapé.

ÍNDICE GERAL DA OBRA

TOMO I¹ [Caderno 1^o]

AO PÚBLICO. [texto] Cônego Januário da Cunha Barbosa.	c.1 - 3
SONHO. Pelo Doutor Inácio José de Alvarenga.	c.1 - 5
ODE. À Rainha D. Maria I, pelo mesmo Autor, servindo de continuação ao Sonho.	c.1 - 6
ODE. Pelo mesmo Autor, a Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês do Pombal.	c.1 - 9
CANTO ÉPICO. Pelo mesmo Autor: batizando-se em Minas o Filho do Exmo. Sr. D. Rodrigo José de Meneses.	c.1 - 12
SONETO. Pelo mesmo Autor, em uns Outeiros. [Mote: "Nomeia vice-deus ao grande Augusto."]	c.1 - 17
SONETO. Pelo mesmo Autor, ao Marquês de Lavradio, na fundação do Teatro do Rio de Janeiro, servindo de Prólogo à Tragédia – <i>Mélope</i> – traduzida do Italiano pelo Autor. ²	c.1 - 18
SONETO. Do mesmo Autor.	c.1 - 19
SONETO. Pelo mesmo Autor.	c.1 - 19
SONETO. Do mesmo, nas Exéquias de El-Rei D. José.	c.1 - 20
SONETO. Do mesmo, ao Marquês de Lavradio.	c.1 - 20
SONETO. Do mesmo, aos anos de D. Joana.	c.1 - 21
SONETO. Por José Basílio da Gama à mesma Senhora.	c.1 - 21

¹ O primeiro e o quinto cadernos do *Parnaso brasileiro* não trazem a indicação de número do caderno. O primeiro traz apenas esta, que designa o tomo. O quinto traz a indicação de "Volume 2.^o". Todos os outros trazem o número do caderno em suas páginas de rosto.

² Segundo Rodrigues Lapa (1960, p.21), Joaquim Norberto corrigiu o erro de Januário da Cunha Barbosa, "afirmando que o soneto acompanhava o drama lírico de Alvarenga, *Enéias no Lácio*, que nunca ninguém viu."

A GRUTA AMERICANA.

POR ALCINDO PALMIRENO, ÁRCADE ULTRAMARINO;

A TERMINDO SIPÍLIO, ÁRCADE ROMANO.

Por Manuel Inácio da Silva e Alvarenga, a José Basílio da Gama. c.1 - 22

OS CAMPOS ELÍSIOS.

Aos Condes da Redinha, por José Basílio da Gama. Canto único. c.1 - 25

EPITALÂMIO.

Por José Basílio da Gama, à Senhora D. Maria Amália. c.1 - 27

CANTO ÚNICO.

Por José Basílio da Gama; ao Marquês de Pombal. c.1 - 31

Correndo pela primeira vez a fonte do Passeio público do Rio de Janeiro estabelecido pelo Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Sousa, foi recitada a seguinte Poesia pelo seu Autor – o Doutor Bartolomeu Antônio Cordovil.

PROTEU. c.1 - 34

EPÍSTOLA. Do mesmo Autor, aos Arcades do Rio de Janeiro. c.1 - 38

Ao Senhor Luís de Vasconcelos, Vice-Rei do Rio de Janeiro. ODE. [s.a.] c.1 - 42

SONHO. Pelo mesmo Autor. c.1 - 43

ODE ANACREÔNTICA. Composta em Espanhol por Melendes, e traduzida por José Elói Otoni. c.1 - 47

DITIRAMBO. Composto por Bartolomeu Antônio Cordovil. c.1 - 48

ODE.

A Afonso de Albuquerque, por Domingos Vidal de Barbosa.³ c.1 - 51

[Mote: uma oitava de Camões, *Lusíadas*, Canto 4, Est.28.]

GLOSA. Por José Elói Otoni, aplicada aos felices sucessos da Península no ano de 1808. c.1 - 54

ODE.

Do Autor Anônimo. c.1 - 57

³ Esta ode foi incluída por Joaquim Norberto de Sousa Silva na edição que preparou das *Obras poéticas* (Rio de Janeiro: H. Garnier, s.d. p.247-250) de Silva Alvarenga.

SONETO. [texto] Caldas.	c.1 - 58
O CARNAVAL. Por João Pereira da Silva.	c.1 - 59
SONETO. Ao Casamento do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, em Minas Gerais. [texto] Por Inácio José de Alvarenga Peixoto. ⁴	c.1 - 63
SONETO. Ao Inca, que no Peru, armando algumas Tribos, declarou guerra aos Espanhóis, e por algum tempo os debelou. [texto] Por J. B. da Gama.	c.1 - 64

⁴ Na página em que vem o poema está: "Por J. B. da Gama." Esta informação, entretanto, foi corrigida na errata que se encontra às páginas 81-83 do caderno 4º. O casamento de Francisco de Paula Freire de Andrada com D. Isabel Querubina de Oliveira Maciel, irmã do inconfidente José Álvares Maciel, deu-se em 15 de agosto de 1782. O Tenente-Coronel, como Alvarenga Peixoto, foi réu de inconfidência; ambos foram condenados.

CADERNO 2º

INTRODUÇÃO. [texto] Cônego Januário da Cunha Barbosa [em três páginas não numeradas].	c.2 - s.p.
A DECLAMAÇÃO TRÁGICA – POEMA DEDICADO ÀS BELAS-ARTES. Composto por José Basílio da Gama. Ano de 1772.	c.2 - 3
A Termindo Sipílio, árcade romano, por Alcindo Palmireno, árcade ultramarino. Por Manuel Inácio da Silva Alvarenga. EPÍSTOLA.	c.2 - 9
HERÓIDA. TESEU A ARIADNA. Pelo Doutor Manuel Inácio da Silva Alvarenga.	c.2 - 12
FÁBULA DE ORFEU, E EURÍDICE. IDÍLIO. [texto] Por Sales, natural de Pernambuco.	c.2 - 17
ELEGIA. Traduzida de Ovídio. [texto] Por J. B. Soares de Meireles. Natural de Minas Gerais.	c.2 - 29
RETRATO por Inácio José de Alvarenga. ⁵	c.2 - 34
CANÇONETA. Composta em Italiano pelo Abade Metastasio, e traduzida por Alexandre de Gusmão, natural da Vila de Santos, na Província de São Paulo.	c.2 - 38
PALINÓDIA. A Nise, traduzida de Metastasio, por Elmano Bahiense.	c.2 - 43
LIRA por Francisco Vilela Barbosa. Natural do Rio de Janeiro.	c.2 - 47
LIRA do mesmo autor em 1799.	c.2 - 49
A PRIMAVERA. Cantata por Francisco Vilela Barbosa.	c.2 - 53

⁵ Este poema, atribuído aqui a Alvarenga Peixoto, não é de sua autoria. Rodrigues Lapa não o incluiu em *Vida e obra de Alvarenga Peixoto* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960).

CADERNO 3º

- QUITÚBIA. Poema por José Basílio da Gama. c.3 - 3
- O TEMPLO DE NETUNO. Idílio. [s.a.]
[Manuel Inácio da Silva Alvarenga] c.3 - 9
- SONETO. Ao Marquês de Pombal, quando em sua queda, o povo de Lisboa pediu que se tirasse o seu retrato, que se havia posto no monumento do Terreiro do Paço. [texto] Por J. B. da Gama. c.3 - 13
- SONETO. Ao mesmo Marquês, apresentando-lhe o Poema Uruguai, o mesmo Autor. c.3 - 14
- SONETO. Do mesmo Autor, a Nossa Senhora da Madre de Deus, quando com as pessoas do Navio, em que fora para Lisboa lhe ofereceram o Traquete, segundo o voto feito em grande temporal. c.3 - 15
- SONETO. À Rainha D. Maria I, pelo mesmo Autor. c.3 - 16
- Descrição, e Fábula do Pão de Açúcar, e do sítio denominado o Botafogo, extraída do 2.º Canto do Poema Herói-Cômico, inédito – *Estolaida*, – composto por João Pereira da Silva, do Rio de Janeiro. c.3 - 17
- ODE. Recitada no Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, em presença do Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Sousa, por seu Autor Manuel Inácio da Silva Alvarenga; de Minas Gerais; no dia 12 de Outubro de 1788. c.3 - 18
- ODE. Ao Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Sousa, recitada pelo seu Autor, Domingos Vidal de Barbosa, do Rio de Janeiro, em 10 de Outubro de 1783. c.3 - 22
- SONETO. Ao lançar-se ao mar, no Rio de Janeiro a Nau Serpente (depois São Sebastião) no Vice-Reinado do Conde da Cunha. [texto] Por J. B. da Gama. c.3 - 25
- SONETO. Ao Doutor A. F. R. sobre uma Memória por ele escrita contra as mulheres, aconselhando ao Autor desta Poesia, que se não casasse. [texto] Por Custódio Gonçalves Ledo. Natural do Rio de Janeiro. c.3 - 26

- SONETO. Ao mesmo assunto, e para prova de que o Poeta não muda de intenção, por mais que o seu amigo o queira dissuadir. [texto] Pelo mesmo C. G. Ledo. c.3 - 27
- ODE. À MOCIDADE PORTUGUESA. Por ocasião da reforma da Universidade de Coimbra pelo Marquês do Pombal. Foi composto por Manuel Inácio da Silva e Alvarenga, então estudante da mesma Universidade. c.3 - 28
- À ESTÁTUA EQÜESTRE, EM LISBOA. OITAVA. [texto] Por Joaquim Inácio de Seixas Brandão, Médico das Caldas. Natural de Minas Gerais. c.3 - 31
- AO POEMA URAGUAI. SONETO. Pelo mesmo Autor. c.3 - 32
- [Mote: uma oitava de Camões, *Lusíadas*, Canto 3, Est. 120.]
GLOSA. Do mesmo Autor. c.3 - 33
- [Texto em prosa, introdutório a uma décima de José Basílio da Gama, sobre a medalha com as armas de Clemente XIV que acompanhava a Bula da extinção dos jesuítas.]
DÉCIMA.⁶ c.3 - 36
- [À décima precedente segue-se a narração de um episódio em que José Basílio da Gama escreveu dois versos e a quadra foi completada por Domingos Caldas Barbosa. A seguir narram-se exemplos de improvisações feitas por Caldas Barbosa.] c.3 - 37
- A ilustre O’Neille pergunta que cousa sejam saudades.
RESPOSTA. Pelo mesmo Autor. c.3 - 38
- [Texto em prosa, em que o Autor do *Parnaso* se desculpa e justifica a inclusão dos poemas joco-sérios escritos por um sapateiro.]
SONETO. Por Joaquim José da Silva, natural do Rio de Janeiro. c.3 - 42
- SONETO. Do mesmo Autor. c.3 - 43

⁶ Esta décima, embora compareça num dos textos introdutórios das *Obras poéticas de Basílio da Gama* (São Paulo: Edusp, 1996), não foi incluída propriamente nas “Obras Poéticas”, parte do livro em que se encontra reunido e criticamente editado o *corpus* da obra de Basílio da Gama. Quanto à quadra a que Januário da Cunha Barbosa se refere em seguida, tampouco foi incluída nas “Obras Poéticas”.

SONETO. Do mesmo.	c.3 - 43
SONETO. Do mesmo.	c.3 - 44
SONETO. Do mesmo.	c.3 - 44
SONETO. Do mesmo.	c.3 - 45
SONETO. Do mesmo.	c.3 - 45
SONETO. Do mesmo.	c.3 - 46
[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor.	c.3 - 47
[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor.	c.3 - 49
[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo.	c.3 - 51
[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor.	c.3 - 53
[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo.	c.3 - 55
[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor.	c.3 - 57
[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor.	c.3 - 59
[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo.	c.3 - 61
FÁBULA DO MORRO DO RAMOS. Aos anos da Exma. D. Maria Madalena, pelo Padre Silvério, da Paraopeba. Minas Gerais.	c.3 - 63
Alexandre de Gusmão, tendo feito batizar dous filhos com os nomes de Viriato, e Trajano, sofreu por isso uma sátira, a que ele responde por este SONETO.	c.3 - 66
SONETO. Pelo Marechal Luís Paulino, natural da Bahia, duas horas antes de expirar.	c.3 - 67
SONETO. Por J. B. da Gama.	c.3 - 68

CADERNO 4º

FÁBULA DO RIBEIRÃO DO CARMO.

Por Cláudio Manuel da Costa. Natural de Minas Gerais.
Idílio.

c.4 - 3

SAUDAÇÃO À ARCÁDIA. ODE.

Por Cláudio Manuel da Costa.

c.4 - 10

AO SEPULCRO DE ALEXANDRE MAGNO. ODE.

Pelo mesmo Autor.⁷

c.4 - 12

SONETO. Pelo mesmo Autor. [Soneto V das *Obras*]

c.4 - 15

SONETO. Pelo mesmo Autor. [Soneto XIII das *Obras*]

c.4 - 15

SONETO. Pelo mesmo Autor. [Soneto XXVII das *Obras*]

c.4 - 16

SONETO. Pelo mesmo Autor. [Soneto XXIX das *Obras*]

c.4 - 16

SONETO. Do mesmo. [Soneto XXXI das *Obras*]

c.4 - 17

SONETO. Do mesmo. [Soneto XXXV das *Obras*]

c.4 - 17

SONETO. Do mesmo. [Soneto XLI das *Obras*]

c.4 - 18

SONETO. Do mesmo. [Soneto LVIII das *Obras*]

c.4 - 18

SONETO. Do mesmo. [Soneto LXXXIII das *Obras*]

c.4 - 19

SONETO. Por Manuel Inácio da Silva e Alvarenga.
À inauguração da Estátua Eqüestre.

c.4 - 19

SONETO. Por Bernardo, natural da Vila de Santos,
célebre Pintor na Capital de Minas Gerais.

c.4 - 20

SONETO. Do mesmo Autor.

c.4 - 20

⁷ Este poema não se encontra entre os do poeta, em suas obras completas. Cf. PROENÇA FILHO, Domício. *A poesia dos inconfindentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

SONETO. Por J. B. da Gama.	c.4 - 21
SONETO. Em resposta pelos mesmos consoantes, por uma Senhora natural do Rio de Janeiro.	c.4 - 21
ODE. AOS GREGOS por J. B. de A. e S.	c.4 - 22
ADVERTÊNCIA. [Apresentação dos versos da poetisa cega D. Delfina Benigna da Cunha, por Januário da Cunha Barbosa.]	c.4 - 25
[Mote: dístico.] GLOSA. [Versos feitos aos doze anos por D. Delfina Benigna da Cunha inseridos no texto da ADVERTÊNCIA]	c.4 - 26
[Mote: quadra.] GLOSA. [texto] Por D. Delfina Benigna da Cunha.	c.4 - 27
[Mote: quadra.] GLOSA. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 29
[Mote: quadra.] GLOSA. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 31
[Mote: quadra.] GLOSA. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 33
SONETO. Aos anos do Sr. Antônio José de Araújo, Tenente do Imperial Corpo de Engenheiros. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 35
SONETO. Em resposta; por Antônio José de Araújo, natural do Rio de Janeiro.	c.4 - 36
SONETO. Ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. Bispo Capelão-Mor. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 37
SONETO. Ao fausto natalício de Sua Majestade o Imperador. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 38
SONETO. À chegada de Sua Majestade Fidelíssima a Senhora D. Maria da Glória. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 39
SONETO. A Sua Majestade Imperial por ocasião de segunda vez ter chegado ao Rio de Janeiro. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 40
SONETO. A Sua Majestade o Imperador, o Senhor Dom Pedro I. Por ocasião da infausta morte de Sua Majestade a Imperatriz. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 41
SONETO. A sentidíssima morte de Sua Majestade a Imperatriz. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 42

SONETO. À saída do Brasil de Sua Majestade Fidelíssima a Senhora D. Maria da Glória. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 43
SONETO. A Sua Alteza Imperial o Senhor Dom Pedro de Alcântara no dia 2 de dezembro de 1829. [s.a.]	c.4 - 44
SONETO. A Sua Majestade Imperial por ocasião de requerer ao mesmo Augusto Senhor. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 45
SONETO. Ao mesmo Augusto Senhor. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 46
SONETO. Agradecendo ao mesmo Augusto Senhor o despacho, que obteve. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 47
SONETO. Ao mesmo Augusto Senhor. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 48
A Sua Majestade o Imperador, como Perpétuo Defensor do Brasil, no dia 13 de maio de 1828. SONETO. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 49
SONETO. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 50
A PRIMAVERA, Idílio traduzido do Grego em Português por J. B. A. S.	c.4 - 51
CANÇÃO no dia 8 de outubro de 1785 Ao Excelentíssimo Luís de Vasconcelos e Sousa Por Manuel Inácio da Silva Alvarenga.	c.4 - 52
SONETO. Por Alvarenga Peixoto. ⁸	c.4 - 57
SONETO. Por Alvarenga Peixoto.	c.4 - 57
SONETO. À Rainha D. Maria I. Pelo mesmo Autor.	c.4 - 58
SONETO. À Mesma. Pelo mesmo Autor.	c.4 - 59

⁸ Na página em que vem o poema está: "Do mesmo", isto é, do autor do poema que o antecede, no caso, Manuel Inácio da Silva Alvarenga. Essa informação, entretanto, foi corrigida na errata que se encontra à página 84 do caderno 4º. Com a correção, ficam alteradas e corrigidas as indicações de autoria dos três sonetos subsequentes.

SONETO. À sonhada República do Equador, por um Brasileiro, 1824. [s.a.]	c.4 - 59
LIRA. Pelo Padre Caldas.	c.4 - 60
Aos anos de uma Senhora. RONDÓ. Por José Pereira. Natural do Rio de Janeiro.	c.4 - 62
RONDÓ. [texto] Pelo mesmo Autor.	c.4 - 63
QUINTILHAS. A Luís de Vasconcelos e Sousa. Por Manuel Inácio da Silva e Alvarenga.	c.4 - 65
RETRATO DE AMIRA. Por Domingos Caldas Barbosa.	c.4 - 69
RETRATO. Pelo mesmo Autor.	c.4 - 71
MADRIGAIS. AMOR COM AS QUATRO ESTAÇÕES. [texto] Anônimo.	c.4 - 73
CONSELHOS DE ALVARENGA PEIXOTO, A SEUS FILHOS. ⁹	c.4 - 74
ÍNDICE. Do 1.º Número.	c.4 - 77
ÍNDICE. Do 2.º Número.	c.4 - 78
ÍNDICE. Do 3.º Número.	c.4 - 78
ÍNDICE. Do 4.º Número.	c.4 - 80
ADVERTÊNCIA. [Por Januário da Cunha Barbosa]	c.4 - 81
ERRATAS. Do 1.º Número.	c.4 - 81
ERRATAS. Do 2.º Número.	c.4 - 83
ERRATAS. Do 3.º Número.	c.4 - 84
ERRATAS. Do 4.º Número.	c.4 - 84

⁹ Rodrigues Lapa não incluiu este poema na obra do poeta. Tradicionalmente, o poema tem sido atribuído a Bárbara Heliodora.

VOLUME 2º [Caderno 5º]

AVISO. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 3
Breve notícia sobre o Doutor Fr. José de S. Rita Durão. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 5
EXTRATOS DO POEMA CARAMURU. Descrição do Naufrágio. Canto 1º.	c.5 - 7
Descrição de uma Aldeia de Selvagens do Recôncavo, etc. Canto 2º.	c.5 - 9
Primeira entrevista de Diogo e de Paraguaçu. Canto 2º.	c.5 - 13
Belíssima pintura da desesperação das Jovens Selvagens por ocasião da volta de Diogo para a Europa. Canto 6º.	c.5 - 16
Descrição da tomada do Forte de Villegaignon aos Franceses, por Mendo de Sá e seu sobrinho Estácio de Sá. Canto 8º.	c.5 - 19
Breve notícia sobre a Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 25
SONETO. Às suas Patrícias, por D. B. F. A. Brandão tendo de idade 18 anos.	c.5 - 27
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 27
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 28
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 28
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 29
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 29
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 30
EPIGRAMA. [s.a.]	c.5 - 30
OUTRO. A um quadro muito mal copiado. [s.a.]	c.5 - 31
Quadras da mesma Senhora.	c.5 - 32
Quadras da mesma Senhora.	c.5 - 36

Descrição de um Naufrágio, por Luís Paulino, da Bahia.	c.5 - 39
SONETO. Pelo mesmo, em Coimbra, ao Retrato de D. Afonso Henriques, desarmando-se os Portugueses por ordem do General Junot.	c.5 - 41
SONETO. Por Alvarenga Peixoto, no dia em que sua filha completava 7 anos.	c.5 - 41
DESCRIÇÃO. Extraída da vida Marítima, composta pelo Padre José Gomes Gadelha, de Pernambuco.	c.5 - 42
Quadro resumido da vida de Gregório de Matos Guerra. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 47
A três enforcados, dous negros e um mulato. – Por Gregório de Matos, natural da Bahia. DÉCIMAS.	c.5 - 53
Retrato de um personagem pelo mesmo Autor.	c.5 - 56
SÁTIRA. Aos costumes da Bahia pelo mesmo Autor.	c.5 - 60
SONETO do mesmo Autor.	c.5 - 62
Em louvor da Laranja. SONETO. Do mesmo Autor. ¹⁰	c.5 - 62
MOTE: "A mais formosa, que Deus." GLOSA. Do mesmo Autor.	c.5 - 63
A um livreiro, que havia comido um canteiro de alfaces, com vinagre. DÉCIMA. Do mesmo Autor.	c.5 - 63
A umas pancadas em um Músico. DÉCIMA. Do mesmo Autor. ¹¹	c.5 - 64

¹⁰ Este soneto não foi incluído por James Amado nas Obras Completas de Gregório de Matos, que publicou com o título de *Crônica do viver baiano seiscentista* (Salvador: Janaína, 1969. 7v.) nem consta das *Obras completas* de Gregório de Matos (São Paulo: Cultura, 1945. 2v.).

¹¹ Esta décima não foi incluída por James Amado nas Obras Completas de Gregório de Matos, que publicou com o título de *Crônica do viver baiano seiscentista* (Salvador: Janaína, 1969. 7v.). Entretanto, ela consta da *Antologia de antologias* (São Paulo: Musa, 1995. p.57), onde se afirma que foi transcrita da *Antologia nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet (1969), que, por sua vez, a transcreveram da edição das *Obras poéticas* (Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1882, t.I) de Gregório de Matos. A décima consta, também, das *Obras completas* de Gregório de Matos (São Paulo: Cultura, 1945, t.II, p.320).

CADERNO 6º

EPÍSTOLA AOS PISÕES OU ARTE POÉTICA DE Q. HORÁCIO FLACO. Traduzida em verso rimado. Esta Epístola, que foi impressa em Coimbra no ano de 1781, é de Bartolomeu Cordovil, natural do Rio de Janeiro, então estudante ali; e a publicou como traduzida por sua Esposa D. Rita Clara Freire de Andrada. ARTE POÉTICA.	c.6 - 3
Breve notícia sobre a vida do Doutor Manuel Inácio da Silva Alvarenga. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.6 - 28
SÁTIRA. Aos Vícios. Por Silva Alvarenga.	c.6 - 32
MADRIGAIS. Pelo mesmo Silva Alvarenga.	
1. [Madrigal IV de <i>Glaura</i>]	c.6 - 39
2. [Madrigal V de <i>Glaura</i>]	c.6 - 40
3. [Madrigal VI de <i>Glaura</i>]	c.6 - 40
4. [Madrigal VII de <i>Glaura</i>]	c.6 - 40
5. [Madrigal IX de <i>Glaura</i>]	c.6 - 41
6. [Madrigal XXIII de <i>Glaura</i>]	c.6 - 41
7. [Madrigal XXIX de <i>Glaura</i>]	c.6 - 41
8. [Madrigal XXXI de <i>Glaura</i>]	c.6 - 42
9. [Madrigal XXVI de <i>Glaura</i>]	c.6 - 42
10. [Madrigal LVI de <i>Glaura</i>]	c.6 - 42
Breve notícia sobre a vida de Alexandre de Gusmão. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.6 - 43
ÉGLOGA. Por Alexandre de Gusmão.	c.6 - 46

QUATRO ODES PINDÁRICAS.

Por José da Natividade Saldanha, natural de Pernambuco.

1.^a A André Vidal de Negreiros, natural de Pernambuco,
e seu Restaurador em 1654. c.6 - 48

2.^a A D. Antônio Filipe Camarão, natural de Pernambuco,
e seu Restaurador em 1654. c.6 - 52

3.^a A Henrique Dias, natural de Pernambuco,
e seu Restaurador em 1654. c.6 - 57

4.^a Ao Mestre-de-Campo Francisco Rebelo,
chamado pela pequenez de seu Corpo o Rebelinho,
natural de Pernambuco, e seu Restaurador em 1654. c.6 - 61

SONETO. Por Brás Martins Pupo,
enviado a Sebastião de Aguiar Sandenabo, natural de Minas.
Deu motivo o chegarem duas Senhoras à janela, no largo
da Lapa do Desterro ao mesmo tempo em que o sol nascia,
e sucedeu esconder-se logo em uma nuvem. c.6 - 66

SONETO. Por Sandenabo, em resposta ao antecedente. c.6 - 67

SONETO. Por José Basílio da Gama,
à alma do Rei D. Sebastião entrando nos Céus. c.6 - 68

CADERNO 7º

- Breve notícia sobre a vida de Inácio José de Alvarenga Peixoto.
[s.a.] [Januário da Cunha Barbosa] c.7 - 3
- CARTA de Leandro a Hero, traduzida do Francês,
e dedicada à Senhora D. Delfina Benigna da Cunha,
por D. Beatriz Francisca de Assis Brandão. c.7 - 7
- CARTA de Hero a Leandro,
pela mesma Senhora D. B. F. de A. Brandão. c.7 - 22
- Breve notícia sobre a vida de Cláudio Manuel da Costa. [s.a.]
[Januário da Cunha Barbosa] c.7 - 29
- VIDA DO CAMPO. Égloga XIX. Por Cláudio Manuel da Costa. c.7 - 31
- A LIRA. Écloga XX. c.7 - 33
- À LIRA DESPREZO. c.7 - 36
- À LIRA PALINÓDIA. c.7 - 37
- FILENO A NISE. Despedida de Glauceste Satúrnio,
Pastor Árcade, Romano, Ultramarino. c.7 - 42
- NISE A FILENO. Resposta de Eureste Fenício,
Pastor Árcade, Romano, Ultramarino. c.7 - 43
- NISE. Cantata V. c.7 - 52
- PALEMO, E NISE. Cantata VI. Epitalâmica. c.7 - 53
- Breve notícia sobre a vida do Padre Miguel Eugênio,
natural de Minas Gerais. [s.a.]
[Januário da Cunha Barbosa] c.7 - 56
- SEQÜÊNCIA DA MISSA DE DEFUNTOS parafraseada pelo
Padre Miguel Eugênio, natural de Minas Gerais. c.7 - 57

CADERNO 8º

- CANTO SEGUNDO DE TASSO, que contém a história de Sofrônia, e Olindo. Traduzido, oitava por oitava, do Original Italiano, pelo Padre Luís Antônio da Silva e Sousa, natural de Minas Novas, e oferecido ao Excelentíssimo D. Francisco de Assis Mascarenhas, hoje Marquês de S. João da Palma, e então Capitão-General de Goiás. c.8 - 3
- Breve notícia sobre a vida de Domingos Caldas Barbosa. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa] c.8 - 17
- A FEIRA DA LUZ. Canto. [s.a.] c.8 - 19
- Breve notícia sobre a vida de João Pereira da Silva, natural do Rio de Janeiro. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa] c.8 - 23
- PROBLEMA. Qual deixa o gosto mais satisfeito: se o beber pelo *Porongo* de uma Índia, ou: se comer o *Inbame* de uma Ilhoa. Defende-se a primeira parte nas seguintes DÉCIMAS. Por João Pereira da Silva, natural do Rio de Janeiro. c.8 - 25
- PROBLEMA. Qual causa mais aflição: se o desprezo de quem ama, se o amor de quem despreza. Defende-se a primeira parte nas seguintes OUTAVAS. Pelo mesmo Autor. c.8 - 29
- Breve notícia sobre a vida de Tomás Antônio Gonzaga, natural de Pernambuco. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]¹² c.8 - 32

¹² O poeta Tomás Antônio Gonzaga, nascido no Porto (Portugal), foi considerado pernambucano até 1850. Joaquim Norberto de Sousa Silva, no "Bosquejo da História da Poesia Brasileira", com que prefaciou sua obra *Modulações poéticas* (Rio de Janeiro: Tipografia Francesa, 1841), afirmava: "Gonzaga, o apaixonado Gonzaga, cuja glória de lhe haver dado o berço é ao presente disputada por Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e Lisboa, nasceu em Pernambuco, como nos asseveram íntimos parentes seus." Em nota de rodapé, Norberto revelava uma de suas fontes: "Entre outras muitas pessoas, o Exmo. Sr. Lopes Gama, primo segundo do poeta." O fato de que o nascimento de Gonzaga se dera no Porto ficou esclarecido em 1850, conforme se pode verificar a partir da seguinte nota de rodapé acrescentada em última hora por Francisco Adolfo de Varnhagem à "Introdução" ao primeiro volume

LIRA XXIV. [Lira XXIV da primeira parte]	c.8 - 33
LIRA XXVI. [Lira III da terceira parte]	c.8 - 34
LIRA XXVIII. [Lira XXVII da primeira parte]	c.8 - 36
LIRA III. [Lira II da segunda parte]	c.8 - 37
LIRA XII. [Lira XI da segunda parte]	c.8 - 38
LIRA XVI. [Lira XIV da segunda parte]	c.8 - 40
LIRA XX. [Lira XVII da segunda parte]	c.8 - 41
LIRA XXVII. [Lira XXIV da segunda parte]	c.8 - 43
LIRA XXXVIII. [Lira XXXVIII da segunda parte]	c.8 - 44
SONETO. Por Gonzaga, despedindo-se para a Bahia, quando foi despachado Desembargador daquela Relação.	c.8 - 48
EPÍSTOLA escrita pelo Sr. Paulo José de Melo, a Domingos Borges de Barros. Ambos Baianos. Lisboa, 1.º de outubro de 1805.	c.8 - 49
A SAUDADE PATERNA. Versos oferecidos aos que sabem ser pais carinhosos. Por João Gualberto Ferreira Santos Reis. Natural da Bahia.	c.8 - 57
Ao saber-se no Rio de Janeiro, que era rendido o Vice-Rei Conde de Resende fez José Inácio da Costa (O Capacho) o seguinte SONETO.	C.8 - 63
Por ocasião em que saiu à luz o poema Quitúbia, composição de José Basílio da Gama, fez José Inácio da Silva Costa o seguinte SONETO.	c.8 - 64

do *Florilégio da poesia brasileira* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1850): “Ao imprimirmos estas linhas, temos por averiguado um fato, que a conhecê-lo antes houvera privado o Florilégio das obras deste poeta: Gonzaga nascera no Porto, foi batizado na freguesia de S. João; antes de ir a Vila Rica, havia servido em Portugal em três varas diferentes.” Esta nota de Varnhagen se explica pelo critério que adotou na organização do *Florilégio*: o de incluir nele apenas obras de poetas brasileiros de nascimento.

ÍNDICE. Do 5.º Número.	c.8 - 65
ÍNDICE. Do 6.º Número.	c.8 - 66
ÍNDICE. Do 7.º Número.	c.8 - 67
ÍNDICE. Do 8.º Número.	c.8 - 68
ADVERTÊNCIA. Com este Número termina o 2.º Volume do Parnaso Brasileiro, cuja continuação se anunciará ao Público em tempo oportuno. FIM.	c.8 - 68

ÍNDICE DE AUTORES

ÍNDICE DE AUTORES

Os nomes dos autores vêm grafados no *Parnaso* de modos variados; alguns deles são referidos de mais de uma maneira. Por isso, foi preparada uma lista com os nomes dos autores na forma em que os adotamos, cada um deles seguido das formas em que aparecem no *Parnaso*. O índice de autores foi organizado pelos nomes indicados como os adotados por nós na lista. Esse procedimento foi adotado para que um mesmo autor não tivesse mais de uma entrada no índice.

As “notícias biográficas”, de responsabilidade de Januário da Cunha Barbosa, foram indexadas tanto sob o seu nome como sob o do autor biografado. Outros textos em prosa, de Januário da Cunha Barbosa, embora não tragam a indicação explícita de autoria, foram indexados sob o nome de seu autor.

Alguns poemas publicados sem indicação de autoria, mas inseridos entre poemas de um determinado autor, são presumivelmente daquele autor e foram mantidos entre os do autor, embora com a indicação [s.a.]; entretanto, para registro, foram também indexados em separado, ao lado de outros sem indicação de autoria e que não vêm claramente vinculados a nenhum dos autores reunidos na coleção. Além dos poemas sem indicação de autoria, há no *Parnaso* três casos de atribuição a anônimos: um deles (c.1 - 57) traz a indicação “Do Autor Anônimo.”; outro (c.4 - 59), a indicação “um Brasileiro”; e o terceiro (c.4 - 73), a indicação “(Anônimo.)”. As indicações relativas a esses poemas foram reunidas ao final deste índice, sob a rubrica “Textos sem indicação de autoria”.

LISTA DOS AUTORES

(O índice de autores foi organizado com os nomes grafados na forma em que se encontram na coluna da esquerda; os nomes à direita são as formas sob as quais os autores são referidos no *Parnaso*.)

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva	Alcindo Palmireno Manuel Inácio da Silva Alvarenga Manuel Inácio da Silva e Alvarenga Silva Alvarenga
ARAÚJO, Antônio José de	Antônio José de Araújo
BARBOSA, Domingos Caldas	Domingos Caldas Barbosa
BARBOSA, Francisco Vilela	Francisco Vilela Barbosa
BARBOSA, Januário da Cunha	Cônego Januário da Cunha [Barbosa]
BERNARDO	Bernardo
BRANDÃO, Beatriz Francisca de Assis	D. Beatriz Francisca de Assis [Brandão] D. B. F. A. Brandão D. B. F. de A. Brandão
BRANDÃO, Joaquim Inácio de Seixas	Joaquim Inácio de Seixas Brandão
BRITO, Paulo José de Melo Azevedo e	Paulo José de Melo
BUENO, Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira	Ver ELIODORA, Bárbara
CALDAS, Antônio Pereira de Sousa	Caldas Padre Caldas
CARVALHO, Silvério Ribeiro de	Padre Silvério da Paraopeba

CORDOVIL, Bartolomeu Antônio	Bartolomeu Antônio Cordovil Bartolomeu Cordovil
COSTA, Cláudio Manuel da	Cláudio Manuel da Costa Glauceste Satúrnio
COSTA, José Inácio da (O Capacho)	José Inácio da Costa José Inácio da Silva Costa
CRUZ, Antônio Lopes da	Ver CORDOVIL, Bartolomeu [Antônio
CUNHA, Delfina Benigna da	D. Delfina Benigna da Cunha
DURÃO, Frei José de Santa Rita	Fr. José de S. Rita Durão
ELIODORA, Bárbara	Ver Nota 9 ao Índice Geral da Obra
FRANÇA, Luís Paulino de Oliveira Pinto da	Luís Paulino Marechal Luís Paulino
GADELHA, José Gomes da Costa	Padre José Gomes Gadelha
GAMA, José Basílio	J. B. da Gama José Basílio da Gama Termindo Sipílio
GONZAGA, Tomás Antônio	Tomás Antônio Gonzaga
GUERRA, Gregório de Matos	Gregório de Matos Guerra Gregório de Matos
GUIMARÃES, Manuel Ferreira de Araújo	Elmano Bahiense
GUSMÃO, Alexandre de	Alexandre de Gusmão
LAJE, Domingos Vidal Barbosa	Domingos Vidal de Barbosa
LEDO, Custódio Gonçalves	Custódio Gonçalves Ledo
MASCARENHAS, Miguel Eugênio da Silva	Padre Miguel Eugênio

MEIRELES, Joaquim Cândido Soares de	J. B. Soares de Meireles
OTONI, José Elói	José Elói Otoni
PARAOPEBA, Silvério da	Ver CARVALHO, Silvério Ribeiro de
PEIXOTO, Inácio José de Alvarenga	Alvarenga Peixoto Doutor Inácio José de Alvarenga Eureste Fenício Inácio José de Alvarenga Inácio José de Alvarenga Peixoto
PEREIRA, José	José Pereira
PUPPO, Brás Martins	Brás Martins Pupo
REIS, João Gualberto Ferreira dos Santos	João Gualberto Ferreira Santos Reis
SALDANHA, José da Natividade	José da Natividade Saldanha
SALES, Francisco de	Sales
SANDENABO, Sebastião de Aguilár	Sandenabo Sebastião de Aguilár Sandenabo
SILVA, Joaquim José da	Joaquim José da Silva
SILVA, João Pereira da	João Pereira da Silva
SILVA, José Bonifácio de Andrada e	J. B. A. S. J. B. de A. e S.
SILVÉRIO, Padre (da Paraopeba)	Ver CARVALHO, Silvério Ribeiro de
SOUSA, Luís Antônio da Silva e	Padre Luís Antônio da Silva e Sousa

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva

A GRUTA AMERICANA.

POR ALCINDO PALMIRENO, ÁRCADE ULTRAMARINO;

A TERMINDO SIPÍLIO, ÁRCADE ROMANO.

Por Manuel Inácio da Silva Alvarenga,

a José Basílio da Gama.

c.1 - 22

A Termindo Sipílio, árcade romano,

por Alcindo Palmireno, árcade ultramarino.

Por Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

EPÍSTOLA.

c.2 - 9

HERÓIDA. TESEU A ARIADNA.

Pelo Doutor Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

c.2 - 12

O TEMPLO DE NETUNO. Idílio. [s.a.]

[Manuel Inácio da Silva Alvarenga]

c.3 - 9

ODE. Recitada no Recolhimento de Nossa

Senhora do Parto, em presença do Vice-Rei Luís

de Vasconcelos e Sousa, por seu Autor Manuel

Inácio da Silva Alvarenga; de Minas Gerais;

no dia 12 de Outubro de 1788.

c.3 - 18

ODE. À MOCIDADE PORTUGUESA. Por ocasião

da reforma da Universidade de Coimbra pelo

Marquês do Pombal. Foi composto por Manuel

Inácio da Silva e Alvarenga, então estudante

da mesma Universidade.

c.3 - 28

SONETO. Por Manuel Inácio da Silva e Alvarenga.

À inauguração da Estátua Equestre.

c.4 - 19

CANÇÃO no dia 8 de outubro de 1785

Ao Excelentíssimo Luís de Vasconcelos e Sousa

por Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

c.4 - 52

QUINTILHAS. A Luís de Vasconcelos e Sousa.

Por Manuel Inácio da Silva e Alvarenga.

c.4 - 65

Breve notícia sobre a vida do Doutor Manuel

Inácio da Silva Alvarenga. [s.a.]

[Januário da Cunha Barbosa]

c.6 - 28

SÁTIRA. Aos Vícios. Por Silva Alvarenga.

c.6 - 32

MADRIGAIS. Pelo mesmo Silva Alvarenga.	
1. [Madrigal IV de <i>Glaura</i>]	c.6 - 39
2. [Madrigal V de <i>Glaura</i>]	c.6 - 40
3. [Madrigal VI de <i>Glaura</i>]	c.6 - 40
4. [Madrigal VII de <i>Glaura</i>]	c.6 - 40
5. [Madrigal IX de <i>Glaura</i>]	c.6 - 41
6. [Madrigal XXIII de <i>Glaura</i>]	c.6 - 41
7. [Madrigal XXIX de <i>Glaura</i>]	c.6 - 41
8. [Madrigal XXXI de <i>Glaura</i>]	c.6 - 42
9. [Madrigal XXVI de <i>Glaura</i>]	c.6 - 42
10. [Madrigal LVI de <i>Glaura</i>]	c.6 - 42

ARAÚJO, Antônio José de

SONETO. Em resposta [a um soneto de D. Delfina Benigna da Cunha]; por Antônio José de Araújo, natural do Rio de Janeiro.	c.4 - 36
--	----------

BAHIENSE, Elmano

(Ver **GUIMARÃES, Manuel Ferreira de Araújo**)

BARBOSA, Domingos Caldas

[Texto em prosa, introdutório a uma décima de José Basílio da Gama, sobre a medalha com as armas de Clemente XIV que acompanhava a Bula da extinção dos jesuítas.] DÉCIMA.	c.3 - 36
--	----------

[À décima precedente segue-se a narração de um episódio em que José Basílio da Gama escreveu dois versos e a quadra foi completada por Domingos Caldas Barbosa. A seguir narram-se exemplos de improvisações feitas por Caldas Barbosa.]	c.3 - 37
--	----------

A ilustre O'Neill pergunta que cousa sejam saudades. RESPOSTA. Pelo mesmo Autor.	c.3 - 38
---	----------

RETRATO DE AMIRA. Por Domingos Caldas Barbosa.	c.4 - 69
--	----------

RETRATO. Pelo mesmo Autor.	c.4 - 71
----------------------------	----------

Breve notícia sobre a vida de Domingos Caldas Barbosa. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.8 - 17
A FEIRA DA LUZ. Canto. [s.a.]	c.8 - 19
BARBOSA, Francisco Vilela	
LIRA por Francisco Vilela Barbosa. Natural do Rio de Janeiro.	c.2 - 47
LIRA do mesmo autor em 1799.	c.2 - 49
A PRIMAVERA. Cantata por Francisco Vilela Barbosa.	c.2 - 53
BARBOSA, Januário da Cunha	
AO PÚBLICO. [texto] Cônego Januário da Cunha Barbosa	c.1 - 3
INTRODUÇÃO. [texto] Cônego Januário da Cunha Barbosa [em páginas não numeradas].	c.2 - s.p.
[Texto em prosa, introdutório a uma décima de José Basílio da Gama, sobre a medalha com as armas de Clemente XIV que acompanhava a Bula da extinção dos jesuítas. A essa décima segue-se a narração de um episódio em que José Basílio da Gama escreveu dois versos e a quadra foi completada por Domingos Caldas Barbosa. A seguir narram-se exemplos de improvisações feitas por Caldas Barbosa. Os textos em prosa são de Januário da Cunha Barbosa.]	c.3 - 36
[Texto em prosa, em que o Autor do <i>Parnaso</i> se desculpa e justifica a inclusão dos poemas joco-sérios escritos por um sapateiro.]	c.3 - 42
ADVERTÊNCIA. [Apresentação dos versos da poetisa cega D. Delfina Benigna da Cunha, por Januário da Cunha Barbosa.]	c.4 - 25
AVISO. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 3
Breve notícia sobre o Doutor Fr. José de S. Rita Durão. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 5
Breve notícia sobre a Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 25

Quadro resumido da vida de Gregório de Matos Guerra. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 47
Breve notícia sobre a vida do Doutor Manuel Inácio da Silva Alvarenga. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.6 - 28
Breve notícia sobre a vida de Alexandre de Gusmão. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.6 - 43
Breve notícia sobre a vida de Inácio José de Alvarenga Peixoto. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.7 - 3
Breve notícia sobre a vida de Cláudio Manuel da Costa. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.7 - 29
Breve notícia sobre a vida do Padre Miguel Eugênio, natural de Minas Gerais. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.7 - 56
Breve notícia sobre a vida de Domingos Caldas Barbosa. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.8 - 17
Breve notícia sobre a vida de João Pereira da Silva, natural do Rio de Janeiro. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.8 - 23
Breve notícia sobre a vida de Tomás Antônio Gonzaga, natural de Pernambuco. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.8 - 32
ADVERTÊNCIA. Com este Número termina o 2.º Volume do Parnaso Brasileiro, cuja continuação se anunciará ao Público em tempo oportuno. FIM.	c.8 - 68

BERNARDO

SONETO. Por Bernardo, natural da Vila de Santos, célebre Pintor na Capital de Minas Gerais.	c.4 - 20
SONETO. Do mesmo Autor.	c.4 - 20

BRANDÃO, Beatriz Francisca de Assis

Breve notícia sobre a Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 25
---	----------

SONETO. Às suas Patrícias, por D. B. F. A. Brandão tendo de idade 18 anos.	c.5 - 27
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 27
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 28
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 28
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 29
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 29
SONETO. Da mesma Senhora.	c.5 - 30
EPIGRAMA. [s.a.]	c.5 - 30
OUTRO. A um quadro muito mal copiado. [s.a.]	c.5 - 31
Quadras da mesma Senhora.	c.5 - 32
Quadras da mesma Senhora.	c.5 - 36
CARTA de Leandro a Hero, traduzida do Francês, e dedicada à Senhora D. Delfina Benigna da Cunha, por D. Beatriz Francisca de Assis Brandão.	c.7 - 7
CARTA de Hero a Leandro, pela mesma Senhora D. B. F. de A. Brandão.	c.7 - 22

BRANDÃO, Joaquim Inácio de Seixas

À ESTÁTUA EQÜESTRE, EM LISBOA. OITAVA. [texto] Por Joaquim Inácio de Seixas Brandão, Médico das Caldas. Natural de Minas Gerais.	c.3 - 31
AO POEMA URAGUAI. SONETO. Pelo mesmo Autor.	c.3 - 32
[Mote: uma oitava de Camões, Lusíadas, Canto 3, Est.120.] GLOSA. Do mesmo Autor.	c.3 - 33

BRITO, Paulo José de Melo Azevedo e

EPÍSTOLA escrita pelo Sr. Paulo José de Melo, a Domingos Borges de Barros. Ambos Baianos. Lisboa, 1.ª de outubro de 1805.	c.8 - 49
---	----------

BUENO, Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira (Ver ELIODORA, Bárbara)

CALDAS, Antônio Pereira de Sousa

- SONETO. [texto] Caldas. c.1 - 58
- LIRA. Pelo Padre Caldas. c.4 - 60

**CARVALHO, Silvério Ribeiro de
(Padre Silvério da Paraopeba)**

- FÁBULA DO MORRO DO RAMOS.
Aos anos da Exma. D. Maria Madalena,
pelo Padre Silvério, da Paraopeba. Minas Gerais. c.3 - 63

CORDOVIL, Bartolomeu Antônio

- Correndo pela primeira vez a fonte do Passeio público do Rio de Janeiro estabelecido pelo Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Sousa, foi recitada a seguinte Poesia pelo seu Autor – o Doutor Bartolomeu Antônio Cordovil. PROTEU. c.1 - 34

- EPÍSTOLA. Do mesmo Autor, aos Arcades do Rio de Janeiro. c.1 - 38

- Ao Senhor Luís de Vasconcelos, Vice-Rei do Rio de Janeiro. ODE. [s.a.] c.1 - 42

- SONHO. Pelo mesmo Autor. c.1 - 43

- DITIRAMBO.
Composto por Bartolomeu Antônio Cordovil. c.1 - 48

- EPÍSTOLA AOS PISÕES OU ARTE POÉTICA
DE Q. HORÁCIO FLACO. Traduzida em verso rimado.
Esta Epístola, que foi impressa em Coimbra no ano de 1781, é de Bartolomeu Cordovil, natural do Rio de Janeiro, então estudante ali; e a publicou como traduzida por sua Esposa D. Rita Clara Freire de Andrada.
ARTE POÉTICA. c.6 - 3

COSTA, Cláudio Manuel da

- FÁBULA DO RIBEIRÃO DO CARMO. Por Cláudio Manuel da Costa. Natural de Minas Gerais. Idílio. c.4 - 3

- SAUDAÇÃO À ARCÁDIA. ODE.
Por Cláudio Manuel da Costa. c.4 - 10

AO SEPULCRO DE ALEXANDRE MAGNO. ODE. Pelo mesmo Autor.	c.4 - 12
SONETO. Pelo mesmo Autor. [Soneto V das <i>Obras</i>]	c.4 - 15
SONETO. Pelo mesmo Autor. [Soneto XIII das <i>Obras</i>]	c.4 - 15
SONETO. Pelo mesmo Autor. [Soneto XXVII das <i>Obras</i>]	c.4 - 16
SONETO. Pelo mesmo Autor. [Soneto XXIX das <i>Obras</i>]	c.4 - 16
SONETO. Do mesmo. [Soneto XXXI das <i>Obras</i>]	c.4 - 17
SONETO. Do mesmo. [Soneto XXXV das <i>Obras</i>]	c.4 - 17
SONETO. Do mesmo. [Soneto XLI das <i>Obras</i>]	c.4 - 18
SONETO. Do mesmo. [Soneto LVIII das <i>Obras</i>]	c.4 - 18
SONETO. Do mesmo. [Soneto LXXXIII das <i>Obras</i>]	c.4 - 19
Breve notícia sobre a vida de Cláudio Manuel da Costa. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.7 - 29
VIDA DO CAMPO. Égloga XIX. Por Cláudio Manuel da Costa.	c.7 - 31
A LIRA. Écloga XX.	c.7 - 33
À LIRA DESPREZO.	c.7 - 36
À LIRA PALINÓDIA.	c.7 - 37
FILENO A NISE. Despedida de Glauceste Satúrnio, Pastor Árcade, Romano, Ultramarino.	c.7 - 42
NISE A FILENO. Resposta de Eureste Fenício, Pastor Árcade, Romano, Ultramarino.	c.7 - 43
NISE. Cantata V.	c.7 - 52
PALEMO, E NISE. Cantata VI. Epitalâmica.	c.7 - 53

COSTA, José Inácio da (O Capacho)

Ao saber-se no Rio de Janeiro, que era rendido o Vice-Rei Conde de Resende fez José Inácio da Costa (O Capacho) o seguinte SONETO.	c.8 - 63
Por ocasião em que saiu à luz o poema Quitúbia, composição de José Basílio da Gama, fez José Inácio da Silva Costa o seguinte SONETO.	c.8 - 64

CRUZ, Antônio Lopes da
(Ver CORDOVIL, Bartolomeu Antônio)

CUNHA, Delfina Benigna da

- ADVERTÊNCIA. [Apresentação dos versos da poetisa cega D. Delfina Benigna da Cunha, por Januário da Cunha Barbosa.] c.4 - 25
- [Mote: dístico.] GLOSA. [Versos feitos aos doze anos por D. Delfina Benigna da Cunha inseridos no texto da ADVERTÊNCIA] c.4 - 26
- [Mote: quadra.] GLOSA. [texto] Por D. Delfina Benigna da Cunha. c.4 - 27
- [Mote: quadra.] GLOSA. [texto] Da mesma Autora. c.4 - 29
- [Mote: quadra.] GLOSA. [texto] Da mesma Autora. c.4 - 31
- [Mote: quadra.] GLOSA. [texto] Da mesma Autora. c.4 - 33
- SONETO. Aos anos do Sr. Antônio José de Araújo, Tenente do Imperial Corpo de Engenheiros. [texto] Pela mesma Autora. c.4 - 35
- SONETO. Em resposta; por Antônio José de Araújo, natural do Rio de Janeiro. c.4 - 36
- SONETO. Ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. Bispo Capelão-Mor. [texto] Pela mesma Autora. c.4 - 37
- SONETO. Ao fausto natalício de Sua Majestade o Imperador. [texto] Pela mesma Autora. c.4 - 38
- SONETO. À chegada de Sua Majestade Fidelíssima a Senhora D. Maria da Glória. [texto] Pela mesma Autora. c.4 - 39
- SONETO. A Sua Majestade Imperial por ocasião de segunda vez ter chegado ao Rio de Janeiro. [texto] Da mesma Autora. c.4 - 40
- SONETO. A Sua Majestade o Imperador, o Senhor Dom Pedro I. Por ocasião da infausta morte de Sua Majestade a Imperatriz. [texto] Pela mesma Autora. c.4 - 41
- SONETO. A sentidíssima morte de Sua Majestade a Imperatriz. [texto] Pela mesma Autora. c.4 - 42

SONETO. À saída do Brasil de Sua Majestade Fidelíssima a Senhora D. Maria da Glória. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 43
SONETO. A Sua Alteza Imperial o Senhor Dom Pedro de Alcântara no dia 2 de dezembro de 1829. [s.a.]	c.4 - 44
SONETO. A Sua Majestade Imperial por ocasião de requerer ao mesmo Augusto Senhor. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 45
SONETO. Ao mesmo Augusto Senhor. [texto] Pela mesma Autora.	c.4 - 46
SONETO. Agradecendo ao mesmo Augusto Senhor o despacho, que obteve. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 47
SONETO. Ao mesmo Augusto Senhor. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 48
A Sua Majestade o Imperador, como Perpétuo Defensor do Brasil, no dia 13 de maio de 1828. SONETO. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 49
SONETO. [texto] Da mesma Autora.	c.4 - 50

DURÃO, Frei José de Santa Rita

Breve notícia sobre o Doutor Fr. José de S. Rita Durão. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 5
EXTRATOS DO POEMA CARAMURU. Descrição do Naufrágio. Canto 1º.	c.5 - 7
Descrição de uma Aldeia de Selvagens do Recôncavo, etc. Canto 2º.	c.5 - 9
Primeira entrevista de Diogo e de Paraguaçu. Canto 2º.	c.5 - 13
Belíssima pintura da desesperação das Jovens Selvagens por ocasião da volta de Diogo para a Europa. Canto 6º.	c.5 - 16
Descrição da tomada do Forte de Villegaignon aos Franceses, por Mendo de Sá e seu sobrinho Estácio de Sá. Canto 8º.	c.5 - 19

ELIODORA, Bárbara (Ver Nota 9 ao Índice Geral da Obra.)

FRANÇA, Luís Paulino de Oliveira Pinto da

- SONETO. Pelo Marechal Luís Paulino, natural da Bahia, duas horas antes de expirar. c.3 - 67
- Descrição de um Naufrágio, por Luís Paulino, da Bahia. c.5 - 39
- SONETO. Pelo mesmo, em Coimbra, ao Retrato de D. Afonso Henriques, desarmando-se os Portugueses por ordem do General Junot. c.5 - 41

GADELHA, José Gomes

- DESCRITÃO. Extraída da vida Marítima, composta pelo Padre José Gomes Gadelha, de Pernambuco. c.5 - 42

GAMA, José Basílio da

- SONETO. Por José Basílio da Gama à mesma Senhora [D. Joana]. c.1 - 21
- OS CAMPOS ELÍSIOS. Aos Condes da Redinha, por José Basílio da Gama. Canto único. c.1 - 25
- EPITALÂMIO. Por José Basílio da Gama, à Senhora D. Maria Amália. c.1 - 27
- CANTO ÚNICO. Por José Basílio da Gama; ao Marquês de Pombal. c.1 - 31
- SONETO. Ao Inca, que no Peru, armando algumas Tribos, declarou guerra aos Espanhóis, e por algum tempo os debelou. [texto] Por J. B. da Gama. c.1 - 64
- A DECLAMAÇÃO TRÁGICA
– POEMA DEDICADO ÀS BELAS-ARTES.
Composto por José Basílio da Gama. Ano de 1772. c.2 - 3
- QUITÚBIA. Poema por José Basílio da Gama. c.3 - 3
- O TEMPLO DE NETUNO. Idílio. [s.a.]
[Manuel Inácio da Silva Alvarenga] c.3 - 9
- SONETO. Ao Marquês de Pombal, quando em sua queda, o povo de Lisboa pediu que se tirasse o seu retrato, que se havia posto no monumento do Terreiro do Paço. [texto] Por J. B. da Gama. c.3 - 13

SONETO. Ao mesmo Marquês, apresentando-lhe o Poema Uruguai, o mesmo Autor.	c.3 - 14
SONETO. Do mesmo Autor, a Nossa Senhora da Madre de Deus, quando com as pessoas do Navio, em que fora para Lisboa lhe ofereceram o Traquete, segundo o voto feito em grande temporal.	c.3 - 15
SONETO. À Rainha D. Maria I, pelo mesmo Autor.	c.3 - 16
SONETO. Ao lançar-se ao mar, no Rio de Janeiro a Nau Serpente (depois São Sebastião) no Vice-Reinado do Conde da Cunha. [texto] Por J. B. da Gama.	c.3 - 25
[Texto em prosa, introdutório a uma décima de José Basílio da Gama, sobre a medalha com as armas de Clemente XIV que acompanhava a Bula da extinção dos jesuítas.] DÉCIMA.	c.3 - 36
[À décima precedente segue-se a narração de um episódio em que José Basílio da Gama escreveu dois versos e a quadra foi completada por Domingos Caldas Barbosa. A seguir narram-se exemplos de improvisações feitas por Caldas Barbosa.]	c.3 - 37
SONETO. Por J. B. da Gama.	c.3 - 68
SONETO. Por J. B. da Gama.	c.4 - 21
SONETO. Em resposta pelos mesmos consoantes, por uma Senhora natural do Rio de Janeiro.	c.4 - 21
SONETO. Por José Basílio da Gama, à alma do Rei D. Sebastião entrando nos Céus.	c.6 - 68

GONZAGA, Tomás Antônio

Breve notícia sobre a vida de Tomás Antônio Gonzaga, natural de Pernambuco. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.8 - 32
LIRA XXIV. [Lira XXIV da primeira parte]	c.8 - 33
LIRA XXVI. [Lira III da terceira parte]	c.8 - 34
LIRA XXVIII. [Lira XXVII da primeira parte]	c.8 - 36
LIRA III. [Lira II da segunda parte]	c.8 - 37

LIRA XII. [Lira XI da segunda parte]	c.8 - 38
LIRA XVI. [Lira XIV da segunda parte]	c.8 - 40
LIRA XX. [Lira XVII da segunda parte]	c.8 - 41
LIRA XXVII. [Lira XXIV da segunda parte]	c.8 - 43
LIRA XXXVIII. [Lira XXXVIII da segunda parte]	c.8 - 44
SONETO. Por Gonzaga, despedindo-se para a Bahia, quando foi despachado Desembargador daquela Relação.	c.8 - 48
GUERRA, Gregório de Matos	
Quadro resumido da vida de Gregório de Matos Guerra. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.5 - 47
A três enforcados, dous negros e um mulato. – Por Gregório de Matos, natural da Bahia. DÉCIMAS.	c.5 - 53
Retrato de um personagem pelo mesmo Autor.	c.5 - 56
SÁTIRA. Aos costumes da Bahia pelo mesmo Autor.	c.5 - 60
SONETO do mesmo Autor.	c.5 - 62
Em louvor da Laranja. SONETO. Do mesmo Autor.	c.5 - 62
Mote: “A mais formosa, que Deus.” GLOSA. Do mesmo Autor.	c.5 - 63
A um livreiro, que havia comido um canteiro de alfices, com vinagre. DÉCIMA. Do mesmo Autor.	c.5 - 63
A umas pancadas em um Músico. DÉCIMA. Do mesmo Autor.	c.5 - 64
GUIMARÃES, Manuel Ferreira de Araújo (Elmano Bahiense)	
PALINÓDIA. A Nise, traduzida de Metastasio, por Elmano Bahiense.	c.2 - 43
GUSMÃO, Alexandre de	
CANÇONETA. Composta em Italiano pelo Abade Metastasio, e traduzida por Alexandre de Gusmão, natural da Vila de Santos, na Província de São Paulo.	c.2 - 38

- Alexandre de Gusmão, tendo feito batizar dous filhos com os nomes de Viriato, e Trajano, sofreu por isso uma sátira, a que ele responde por este SONETO. c.3 - 66
- Breve notícia sobre a vida de Alexandre de Gusmão. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa] c.6 - 43
- ÉGLOGA. Por Alexandre de Gusmão. c.6 - 46
- LAJE, Domingos Vidal Barbosa**
- ODE. A Afonso de Albuquerque, por Domingos Vidal de Barbosa. c.1 - 51
- ODE. Ao Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Sousa, recitada pelo seu Autor, Domingos Vidal de Barbosa, do Rio de Janeiro, em 10 de Outubro de 1783. c.3 - 22
- LEDO, Custódio Gonçalves**
- SONETO. Ao Doutor A. F. R. sobre uma Memória por ele escrita contra as mulheres, aconselhando ao Autor desta Poesia, que se não casasse. [texto] Por Custódio Gonçalves Ledo. Natural do Rio de Janeiro. c.3 - 26
- SONETO. Ao mesmo assunto, e para prova de que o Poeta não muda de intenção, por mais que o seu amigo o queira dissuadir. [texto] Pelo mesmo C. G. Ledo. c.3 - 27
- MASCARENHAS, Miguel Eugênio da Silva**
- Breve notícia sobre a vida do Padre Miguel Eugênio, natural de Minas Gerais. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa] c.7 - 56
- SEQÜÊNCIA DA MISSA DE DEFUNTOS parafraseada pelo Padre Miguel Eugênio, natural de Minas Gerais. c.7 - 57
- MEIRELES, Joaquim Cândido Soares de**
- ELEGIA. Traduzida de Ovídio. [texto] Por J. B. Soares de Meireles. Natural de Minas Gerais. c.2 - 29
- OTONI, José Elói**
- ODE ANACREÔNTICA. Composta em Espanhol por Melendes, e traduzida por José Elói Otoni. c.1 - 47

[Mote: uma oitava de Camões, *Lusíadas*, Canto 4, Est.28] GLOSA. Por José Elói Otoni, aplicada aos felices sucessos da Península no ano de 1808. c.1 - 54

PEIXOTO, Inácio José de Alvarenga

SONHO. Pelo Doutor Inácio José de Alvarenga. c.1 - 5

ODE. À Rainha D. Maria I, pelo mesmo Autor, servindo de continuação ao Sonho. c.1 - 6

ODE. Pelo mesmo Autor, a Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês do Pombal. c.1 - 9

CANTO ÉPICO. Pelo mesmo Autor: batizando-se em Minas o Filho do Exmo. Sr. D. Rodrigo José de Meneses. c.1 - 12

SONETO. Pelo mesmo Autor, em uns Outeiros. [Mote: "Nomeia vice-deus ao grande Augusto."] c.1 - 17

SONETO. Pelo mesmo Autor, ao Marquês de Lavradio, na fundação do Teatro do Rio de Janeiro, servindo de Prólogo à Tragédia – *Mérove* – traduzida do Italiano pelo Autor. c.1 - 18

SONETO. Do mesmo Autor. c.1 - 19

SONETO. Pelo mesmo Autor. c.1 - 19

SONETO. Do mesmo, nas Exéquias de El-Rei D. José. c.1 - 20

SONETO. Do mesmo, ao Marquês de Lavradio. c.1 - 20

SONETO. Do mesmo, aos anos de D. Joana. c.1 - 21

SONETO. Ao Casamento do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, em Minas Gerais. [texto] Por Inácio José de Alvarenga Peixoto. c.1 - 63

RETRATO por Inácio José de Alvarenga. c.2 - 34

SONETO. Por Alvarenga Peixoto. c.4 - 57

SONETO. Por Alvarenga Peixoto. c.4 - 57

SONETO. À Rainha D. Maria I. Pelo mesmo Autor. c.4 - 58

SONETO. À Mesma. Pelo mesmo Autor. c.4 - 59

CONSELHOS DE ALVARENGA PEIXOTO,
A SEUS FILHOS. c.4 - 74

SONETO. Por Alvarenga Peixoto,
no dia em que sua filha completava 7 anos. c.5 - 41

Breve notícia sobre a vida de Inácio José de
Alvarenga Peixoto. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa] c.7 - 3

NISE A FILENO. Resposta de Eureste Fenício, Pastor
Árcade, Romano, Ultramarino. [Resposta a
FILENO A NISE, de Cláudio Manuel da Costa] c.7 - 43

PEREIRA, José

Aos anos de uma Senhora. RONDÓ.
Por José Pereira. Natural do Rio de Janeiro. c.4 - 62

RONDÓ. [texto] Pelo mesmo Autor. c.4 - 63

PUPO, Brás Martins

SONETO. Por Brás Martins Pupo, enviado a
Sebastião de Aguilar Sandenabo, natural de Minas.
Deu motivo o chegarem duas Senhoras à janela,
no largo da Lapa do Desterro ao mesmo tempo
em que o sol nascia, e sucedeu esconder-se
logo em uma nuvem. c.6 - 66

SONETO. Por Sandenabo, em resposta
ao antecedente. c.6 - 67

REIS, João Gualberto Ferreira dos Santos

A SAUDADE PATERNA. Versos oferecidos aos que
sabem ser pais carinhosos. Por João Gualberto
Ferreira Santos Reis. Natural da Bahia. c.8 - 57

SALDANHA, José da Natividade

QUATRO ODES PINDÁRICAS.
Por José da Natividade Saldanha, natural de Pernambuco.
1.^a A André Vidal de Negreiros, natural de Pernambuco,
e seu Restaurador em 1654. c.6 - 48

2.^a A D. Antônio Filipe Camarão, natural de
Pernambuco, e seu Restaurador em 1654. c.6 - 52

3.^a A Henrique Dias, natural de Pernambuco,
e seu Restaurador em 1654. c.6 - 57

4.^a Ao Mestre-de-Campo Francisco Rebelo, chamado
pela pequenez de seu Corpo o Rebelinho, natural
de Pernambuco, e seu Restaurador em 1654. c.6 - 61

SALES, Francisco de

FÁBULA DE ORFEU, E EURÍDICE. IDÍLIO. [texto]
Por Sales, natural de Pernambuco. c.2 - 17

SANDENABO, Sebastião de Aguiar

SONETO. Por Sandenabo, em resposta ao
anterior. [Soneto antecedente composto
por Brás Martins Pupo.] c.6 - 67

SILVA, Joaquim José da

[Texto em prosa, em que o Autor do *Parnaso* se
desculpa e justifica a inclusão dos poemas joco-sérios
escritos por um sapateiro.] SONETO. Por Joaquim
José da Silva, natural do Rio de Janeiro. c.3 - 42

SONETO. Do mesmo Autor. c.3 - 43

SONETO. Do mesmo. c.3 - 43

SONETO. Do mesmo. c.3 - 44

SONETO. Do mesmo. c.3 - 44

SONETO. Do mesmo. c.3 - 45

SONETO. Do mesmo. c.3 - 45

SONETO. Do mesmo. c.3 - 46

[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor. c.3 - 47

[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor. c.3 - 49

[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo. c.3 - 51

[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor. c.3 - 53

[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo. c.3 - 55

[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor. c.3 - 57

[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo Autor.	c.3 - 59
[Mote: quadra.] GLOSA. Do mesmo.	c.3 - 61
SILVA, João Pereira da	
O CARNAVAL. Por João Pereira da Silva.	c.1 - 59
Descrição, e Fábula do Pão de Açúcar, e do sítio denominado o Botafogo, extraída do 2. ^o Canto do Poema Herói-Cômico, inédito – <i>Estolaida</i> , – composto por João Pereira da Silva, do Rio de Janeiro.	c.3 - 17
Breve notícia sobre a vida de João Pereira da Silva, natural do Rio de Janeiro. [s.a.] [Januário da Cunha Barbosa]	c.8 - 23
PROBLEMA. Qual deixa o gosto mais satisfeito: se o beber pelo <i>Porongo</i> de uma Índia, ou: se comer o <i>Inbame</i> de uma Ilhoa. Defende-se a primeira parte nas seguintes DÉCIMAS. Por João Pereira da Silva, natural do Rio de Janeiro.	c.8 - 25
PROBLEMA. Qual causa mais aflição: se o desprezo de quem ama, se o amor de quem despreza. Defende-se a primeira parte nas seguintes OUTAVAS. Pelo mesmo Autor.	c.8 - 29
SILVA, José Bonifácio de Andrada e	
ODE. AOS GREGOS por J. B. de A. e S.	c.4 - 22
A PRIMAVERA, Idílio traduzido do Grego em Português por J. B. A. S.	c.4 - 51
SOUSA, Luís Antônio da Silva e	
CANTO SEGUNDO DE TASSO, que contém a história de Sofrônia, e Olindo. Traduzido, oitava por oitava, do Original Italiano, pelo Padre Luís Antônio da Silva e Sousa, natural de Minas Novas, e oferecido ao Excelentíssimo D. Francisco de Assis Mascarenhas, hoje Marquês de S. João da Palma, e então Capitão-General de Goiás.	c.8 - 3

TEXTOS SEM INDICAÇÃO DE AUTORIA:

- Ao Senhor Luís de Vasconcelos, Vice-Rei do Rio de Janeiro.
ODE. [Entre os poemas de Bartolomeu Antônio
Cordovil.] [s.a.] c.1 - 42
- ODE. Do Autor Anônimo. c.1 - 57
- O TEMPO DE NETUNO. Idílio. [s.a.]
[Manuel Inácio da Silva Alvarenga] c.3 - 9
- SONETO. Em resposta pelos mesmos consoantes,
por uma Senhora natural do Rio de Janeiro.
[Em seguida a um soneto de José Basílio da Gama.] c.4 - 21
- SONETO. A Sua Alteza Imperial o Senhor
Dom Pedro de Alcântara no dia 2 de dezembro
de 1829. [Entre os sonetos de D. Delfina Benigna
da Cunha.] [s.a.] c.4 - 44
- SONETO. À sonhada República do Equador,
por um Brasileiro, 1824. [s.a.] c.4 - 59
- MADRIGAIS.
AMOR COM AS QUATRO ESTAÇÕES. [texto]
(Anônimo.) c.4 - 73
- EPIGRAMA. [Entre os poemas de D. Beatriz
Francisca de Assis Brandão.] [s.a.] c.5 - 30
- OUTRO. A um quadro muito mal copiado.
[Entre os poemas de D. Beatriz Francisca de Assis
Brandão.] [s.a.] c.5 - 31
- A FEIRA DA LUZ. Canto. [s.a.]
[Logo em seguida à breve notícia sobre a vida
de Domingos Caldas Barbosa.] c.8 - 19

**ÍNDICE DE PRIMEIROS
VERSOS**

ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS

No índice de primeiros versos, apenas um deles mereceu tratamento diferenciado. Trata-se de um verso de D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, cujas palavras iniciais estão ilegíveis na cópia microfilmada que nos foi cedida pela Biblioteca Nacional. Uma reconstituição verossímil do verso nos permitiu inseri-lo, também, na ordem alfabética. Entretanto, como a versão reconstituída pode não coincidir com a original, cuidamos, também, de pôr o verso no final do índice, em separado. O tratamento dispensado a esse verso destina-se a chamar a atenção de eventuais usuários do índice para o seu caso, que é especial. Os versos de D. Beatriz Francisca de Assis Brandão que trazem como rubricas iniciais a expressão “Quadras da mesma Senhora” foram indexados, no “Índice de Primeiros Versos”, apenas pelo verso inicial da primeira quadra.

“A fastosa indolência,”	c.3 - 28
“A idade, aquela idade, que primeiro”	c.1 - 21
“A mão, que aterra de Nemeu a garra,”	c.1 - 19
“A minha Anarda”	c.2 - 34
“A Paz, a doce Mãe das alegrias”	c.4 - 59
“A sábia Ulina se aflige”	c.5 - 30
“A Sátira grosseira por qual caminho novo”	c.6 - 32
“A tempo, em que o Tirano apronta a guerra,”	c.8 - 3
“A teus Pés, Fundador da Monarquia,”	c.5 - 41
“A Ti corro, Senhor, porque vivia”	c.4 - 40
“Abrasada, Senhor, em fogo intenso”	c.4 - 48
“Acaso soube, que a Gupeva viera”	c.5 - 13
“Adeus, Ídolo amado,”	c.7 - 42
“Adeus Termindo, adeus Augustos lares”	c.3 - 9
“Afoita pisa o Régio Pavimento”	c.4 - 42
“Ai! Nise amada! se este meu tormento,”	c.4 - 16
“Alça Netuno a fronte coroada”	c.4 - 39
“Alexandre, Marília, qual o rio,”	c.8 - 36
“Alma digna de mil Avós Augustos!”	c.8 - 40
“Altas serras, que ao Céu estais servindo”	c.4 - 18
“Amada filha, é já chegado o dia,”	c.5 - 41
“Amor tentou zombar da Primavera,”	c.4 - 73
“Aonde levantado”	c.4 - 3
“Ao Outono se ofereceu o Deus frecheiro”	c.4 - 73
“Apressa-se a tocar o caminhante”	c.4 - 16
“Aquele, que enfermou de desgraçado,”	c.4 - 17
“Aqui deste salgueiro”	c.7 - 33
“As queixadas do Sultão”	c.3 - 61

“As rimas de João Xavier de Matos”	c.3 - 43
“Até Júpiter, Senhor”	c.4 - 26
“Atrás da Porta Otomana”	c.3 - 57
“Auras, que mansas vibrais”	c.2 - 47
“Bárbaros filhos destas brenhas duras,”	c.1 - 12
“Bem hajam os teus enganos,”	c.2 - 38
“Benignos Fados com risonho aspecto”	c.4 - 44
“Brasileiros!... de novo afino a lira,”	c.6 - 61
“Brilhante luz, que me transporta, admiro!”	c.3 - 22
“Cercando a urna d’oiro”	c.4 - 12
“Copada Laranjeira; onde os Amores”	c.6 - 41
“C’roas sem conto de virentes Louros,”	c.4 - 49
“Da nova Lusitânia o vasto espaço”	c.5 - 7
“Dá-me, Apolo, a lira d’oiro,”	c.4 - 62
“De ti a Lira e o loiro a Arcádia fia,”	c.1 - 31
“De violentos contrastes embatido”	c.5 - 29
“Debaixo de um Pinheiro alubantado”	c.4 - 20
“Desprezou Matusalém”	c.3 - 55
“Destes, que campam no mundo”	c.5 - 60
“Deus Santo, Deus imortal!”	c.7 - 57
“Dirceu te deixa, ó bela,”	c.8 - 41
“Dizendo assim, com calma vê lutando”	c.5 - 16
“Do claro Tejo à escura foz do Nilo,”	c.1 - 20
“Do vento açoutado”	c.5 - 39
“Dos Cetros, que arrancou, rivais de Roma”	c.1 - 54
“Dos curvos arcos açoitando os ares”	c.1 - 64
“Doutos Heróis, Varões esclarecidos,”	c.8 - 29
“Dríade, tu, que habitas amorosa”	c.6 - 39
“Dulcíssimo instrumento,”	c.6 - 52
“Egrégia flor da Lusitana Gente,”	c.4 - 52

“Eis já dos Mausoléus silêncio horrendo”	c.3 - 67
“Em vão, Fileno amado,”	c.7 - 43
“Encheu, minha Marília, o grande Jove”	c.8 - 33
“Enfim eu vos saúdo,”	c.4 - 10
“Enquanto o Potemkin o Turco aterra”	c.3 - 16
“Entrava aflita nos Celestes Paços”	c.6 - 68
“Ergue de jaspe um globo alvo, e rotundo,”	c.3 - 14
“Errei o verso, é verdade,”	c.3 - 37
“Esprema a vil calúnia muito embora”	c.8 - 37
“Estas, que o meu Amor vos oferece,”	c.5 - 27
“Estes os olhos são da minha amada:”	c.4 - 17
“Eu com duas Damas vim”	c.5 - 63
“Eu (mil graças ao Céu!) se em largos campos”	c.6 - 48
“Eu queria, mas eu tenho vergonha”	c.3 - 42
“Eu vejo aquela Deusa,”	c.8 - 44
“Eu vi a linda Estela, e namorado”	c.4 - 57
“Eu vou, Marília, vou brigar coas feras?”	c.8 - 43
“Expõe Teresa acerbas mágoas cruas,”	c.4 - 58
“Fado da humana Espécie! Que há de o Gosto,”	c.8 - 57
“Folha por folha, e cheio de ternura”	c.6 - 40
“Fuge do lume, e busca as minhas chamas,”	c.4 - 73
“Fulgente estrela influiu”	c.5 - 32
“Fundou coa forte espada a Monarquia”	c.3 - 68
“Gemem no Pindo tristes e confusas”	c.1 - 34
“Gênio fecundo e raro, que com polidos versos”	c.2 - 9
“Grande festa, Senhores, lá se fez”	c.3 - 45
“Há muito, Lionori, fiz mil juras”	c.4 - 20
“Há na foz larga deste equóreo Rio,”	c.3 - 17
“Honradas sombras dos maiores nossos,”	c.1 - 20
“Ilustre Sousa, que de Reis descendes,”	c.1 - 42

“Império vasto, rico, e florescente”	c.4 - 50
“Incerto vagava um dia”	c.4 - 29
“Inconstante Ariadna ambiciosa,”	c.2 - 12
“Injusto amor, se de teu jugo isento”	c.4 - 18
“Invisíveis vapores”	c.1 - 6
“Isto não é vaidade, é desengano,”	c.3 - 66
“Já do Éter fugiu ventoso Inverno,”	c.4 - 51
“Já lá vaidoso o Sol resplandecente”	c.6 - 66
“Já do lenho as prisões se desataram,”	c.3 - 25
“Já, Marfisa cruel, me não maltrata”	c.4 - 21
“Já o inverno foge, Alcina,”	c.4 - 63
“Já, ó Nise, os meus enganos”	c.2 - 43
“Já sei, dividiste em vão”	c.5 - 42
“Já sobre as asas do volúvel Tempo”	c.1 - 59
“Jogaram à espadilha”	c.5 - 53
“Lá onde em tuas margens, pátrio Rio,”	c.2 - 53
“Levou um Livreiro a dente”	c.5 - 63
“Librado sobre as asas”	c.8 - 19
“Longe, longe daqui, vulgo profano,”	c.3 - 18
“Mais bulha, mais estrondo, e mais abalo”	c.3 - 46
“Mais não tolera a Lusa Monarquia;”	c.5 - 19
“Meninos, eu vou ditar”	c.4 - 74
“Meu coração palpita acelerado,”	c.5 - 30
“Meus Senhores Acadêmicos,”	c.8 - 25
“Mortal saudade, é esta a sepultura;”	c.6 - 42
“Move incessante as asas incansáveis”	c.1 - 57
“Musa, basta de silêncio,”	c.3 - 38
“Musa, não sabes louvar,”	c.4 - 65
“Não cedas, coração; pois nesta empresa”	c.4 - 57
“Não desprezes, ó Glaura, entre estas flores,”	c.6 - 41

“Não os Heróis, que o gume ensangüentado”	c.1 - 9
“Não posso, Egrégio Henrique, em larga cópia”	c.6 - 57
“Não se enfade, menina, dessa sorte,”	c.3 - 44
“Não sintas, não Marquês, que o povo injusto”	c.3 - 13
“Não vejas, Nise amada,”	c.7 - 52
“Não viram Sol nem Estrelas”	c.3 - 36
“Nas asas do valor em Ácio vinha”	c.1 - 17
“Nas loiras tranças da gentil Tircéia”	c.1 - 58
“Nem fizera a discórdia o desatino,”	c.1 - 21
“Nenhum outro mais que eu”	c.3 - 53
“Neste áspero rochedo”	c.6 - 40
“Neste mundo é mais rico o que mais rapa,”	c.5 - 62
“Neste pomo, que a China agradecida”	c.5 - 62
“Neste tronco, com meus votos,” [Primeiro verso de uma quadra cujos dois primeiros versos foram compostos por Basílio da Gama e os últimos por Domingos Caldas Barbosa.]	c.3 - 37
“Ninfa desta aspereza ao Céu vizinha,”	c.1 - 27
“Ninfas Goianas,”	c.1 - 48
“Nise? Nise? onde estás? Aonde espera”	c.4 - 15
“No Recôncavo ameno um posto havia”	c.5 - 9
“Nos arvoredos bem-aventurados,”	c.1 - 25
“Num vale estreito o Pátrio Rio desce”	c.1 - 22
“O Astro grande, autor e pai do dia,”	c.6 - 67
“O Estio suava, e tressuava,”	c.4 - 73
“O Homem não pode ser”	c.4 - 60
“Ó Ínclito Imperante, eis-me prostrada”	c.4 - 47
“Ó inquieta pombinha,”	c.1 - 47
“Ó Mangueira feliz, verde, e sombria,”	c.6 - 41
“Ó Musa do Brasil, tempera a Lira,”	c.4 - 22
“O que vejo? O que escuto! A sorte austera”	c.4 - 41
“Ó sombra deleitosa,”	c.6 - 40

“Obrei quanto o discurso me ditava;”	c.8 - 48
“Oh doce soledade!”	c.7 - 31
“Oh quanto, Nise, oh quanto,”	c.7 - 53
“Oh que sonho! oh que sonho eu tive nesta”	c.1 - 5
“Onde, Musa, me levas inflamado,”	c.1 - 51
“Os meninos de escola Quinta-feira,”	c.4 - 59
“Parabéns, que se vai Dom Marisapula,”	c.8 - 63
“Para sempre! Ai de nós! Rainha Augusta,”	c.4 - 43
“Parece-me que vejo a grossa enchente,”	c.3 - 32
“Passavas com descanso noite, e dia”	c.3 - 33
“Pastora a mais formosa, e desumana,”	c.6 - 46
“Pela amena campina,”	c.2 - 17
“Peitos, que amor da Pátria predomina,”	c.1 - 63
“Pois que o lindo original”	c.4 - 71
“Polir na guerra o bárbaro Gentio,”	c.4 - 19
“[Por lo]ngo suspirar atenuados”	c.5 - 28
“Por mais que os alvos cornos curve a Lua”	c.1 - 19
“Por mão da bela Ulina desenha[da]”	c.5 - 31
“Por que mudado estou? Se me perguntas,”	c.2 - 29
“Qual Dom Quixote”	c.3 - 63
“Quando eu era mais rapaz,”	c.3 - 49
“Quando louvas com pena tão discreta,”	c.8 - 64
“Quão doce é, meu Doutor, na Estação fria”	c.3 - 27
“Que busco infausta Lira,”	c.7 - 36
“Que de Orfeu roubaste a Lira,”	c.4 - 31
“Que é isto, coração? Quanta ventura”	c.4 - 46
“Que importa, meu Doutor, tenha defeitos,”	c.3 - 26
“Que tens, meu coração? Por que ansioso”	c.5 - 28
“Quem te fala, Senhor, quem te saúda,”	c.4 - 45
“Se acaso não estou no fundo Averno,”	c.8 - 38

“Se armada a Macedônia ao Indo assoma,”	c.1 - 18
“Se as belezas, virtudes, e graças”	c.4 - 69
“Se eu beijo a praia, e vos penduro o voto,”	c.3 - 15
“Se eu conseguisse um dia ser mudado”	c.6 - 42
“Se quiser tomar lá o seu codório,”	c.3 - 44
“Se sou pobre pastor, se não governo”	c.4 - 15
“Se um Pintor à cabeça humana unisse”	c.6 - 3
“Se vós tendes um baiju”	c.3 - 59
“Sebo de grilo em cardume”	c.3 - 51
“Senhor, de quem a Fama há muito canta”	c.4 - 37
“Senhor Mestre Alfaiate, este calção”	c.3 - 43
“Sente o reino vegetal”	c.4 - 27
“Sobre os braços do sono recostado”	c.1 - 43
“Sócios queridos, que voais ligeiros”	c.1 - 38
“Solta embora, ó Fortuna, áurea madeixa:”	c.5 - 29
“Tantas noites sem ver-te têm corrido!”	c.7 - 22
“Termindo, se Marfisa vos maltrata,”	c.4 - 21
“Teus Feitos, ó Grão Rei d’eterna Fama,”	c.4 - 38
“Toca a patronear, amigo Barros,”	c.8 - 49
“Tu, Deusa de cem bocas, que nos pintas”	c.3 - 3
“Tu, dos amores suspirado encanto,”	c.4 - 35
“Tu és Caldas; eu sou Caldas;”	c.3 - 37
“Tu me fazes dar mil voltas,”	c.3 - 37
“Tu não verás, Marília cem cativos”	c.8 - 34
“Tu não vês como emurchece”	c.4 - 33
“Tu, qu’os costumes nossos melhor que ninguém pintas,”	c.2 - 3
“Um batuque se fez em São Gonçalo”	c.3 - 45
“Uma grave entoação”	c.5 - 64
“Vá de retrato”	c.5 - 56
“Vai inspirar teu orgulho,”	c.3 - 47

“Vem, adorada Lira,”	c.7 - 37
“Vem surgindo a rubra aurora”	c.5 - 36
“Vencer Dragão, que as Fúrias desenterra;”	c.4 - 19
“Vê, Lucília, no quadro lastimoso”	c.7 - 7
“Vês, Ninfa, em alva espuma o pego irado”	c.6 - 42
“Viste-me, Anarda, e gemeste...”	c.2 - 49
“Vítima triste de amoroso encanto”	c.4 - 36
“Viu Minerva de um jato só fundida”	c.3 - 31
“Voa, suspiro meu, vai diligente,”	c.5 - 27

VERSO COM AS LETRAS INICIAIS ILEGÍVEIS:

“[]ngo suspirar atenuados”	c.5 - 28
-----------------------------	----------

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, s.d. 2v.
- ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.
- AUTOS de devassa da Inconfidência Mineira*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1976-1983. 10v.
- BARBOSA, Antônio da Cunha. Cônego Januário da Cunha Barbosa: esboço biobibliográfico. *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Companhia Tipográfica do Brasil, t.LXV, Parte II, p.197-284, 3º e 4º Trimestres, 1903.
- BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Nacional, 1829-1832. 2v.
- BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883-1902. 7v. [Edição fac-similar pelo Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, 1970]
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2v.
- CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- ENCICLOPÉDIA de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE – Ministério da Educação, 1985. 2v.
- ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional*. Lisboa: W. M. Jackson, s.d. 20v.
- FERREIRA, Antônio. *Poemas lusitanos*. Lisboa: Sá da Costa, 1939. 2v.
- FREIRE, Laudelino. *Clássicos brasileiros*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1923.
- GAMA, A. C. Chichorro da. *Breve dicionário de autores clássicos da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1921.
- GONÇALVES, Magaly Trindade, AQUINO, Zélia Thomaz de, SILVA, Zina Bellodi. Org. *Antologia de antologias*. 101 poetas brasileiros “revisitados”. São Paulo: Musa, 1995.
- HORACE. *Oeuvres*. Paris: Hachette, 1906.
- JARDIM JÚNIOR, David. *Dicionário de expressões em latim usadas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.

- LAPA, M. Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.
- MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974. 2v.
- MATOS, Gregório de. *Obras completas*. São Paulo: Cultura, 1945. 2v.
- MATOS, Gregório de. *Crônica do viver baiano seiscentista*. Salvador: Janaína, 1969. 7v.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência; Crônica trovada da Cidade de Sam Sebastiam*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. [Poesias Completas, v.5]
- MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- OLIVEIRA, Martins de. *História de literatura mineira*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1963.
- PASSOS, Alexandre. *A imprensa no período colonial*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.
- PEIXOTO, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.
- PROENÇA FILHO, Domício. Org. *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- SILVA, J. M. P. da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843-1848. 2v
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Bosquejo da história da poesia brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- SODRÉ, Néelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SÜSSEKIND, Flora, VALENÇA, Rachel Teixeira. *O sapateiro Silva*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.
- TEIXEIRA, Ivan. Ed. *Obras poéticas de Basílio da Gama*. São Paulo: Edusp, 1996.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira, 1946. 3v.



IMPrensa UNIVERSITÁRIA
CENTRO GRÁFICO DA UFMG